

Ciências da Comunicação

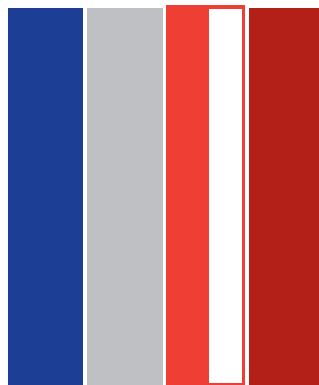
Estudos de Média e Jornalismo

As migrações de informação entre TV e Online – o caso do Porto Canal

Sara Almeida

M

2018



Sara Andreia Tavares Almeida

**As migrações de informação entre TV e Online – o caso do
Porto Canal**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado de Ciências da Comunicação
na variante de Estudos de Média e Jornalismo
orientada pelo Professor Doutor Paulo Frias
e pela Orientadora de Estágio Alexandra Costa Martins

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2018

As migrações de informação entre TV e Online – o caso do Porto Canal

Sara Andreia Tavares Almeida

Relatório de estágio realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação,
orientada pelo Professor Doutor Paulo Frias

Membros do Júri

Professor Doutor Paulo Frias
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Hélder Bastos
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Cristina Ferreira
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 14 valores

Sumário

Índice de Figuras	6
Índice de Gráficos	
Índice de Anexos.....	8
Declaração de honra	10
Agradecimentos	11
Resumo	13
Abstract.....	14
1. Jornalismo.....	17
1.1. Televisão (TV).....	19
1.2. Online	25
1.3. Migração de informação entre TV e Online	29
2. Porto Canal	32
2.1. Porto Canal - A empresa	32
2.2. Porto Canal – A experiência.....	33
2.2.1. Agenda/Produção de Informação	33
2.2.2. Online.....	36
2.2.3. Jornalismo Televisivo	38
2.2.4. Apreciação geral da minha experiência no Porto Canal.....	42
3. Temática em Análise	44
3.1. Análise de Dados.....	45
3.1.1. Comparação dos modelos audiovisuais no Online	45
3.1.2. Análise das variáveis quantitativas.....	48
3.1.3. Confirmação ou refutação das hipóteses de trabalho	54
Pistas Conclusivas	56
Bibliografia	57
Anexos	60

Índice de Figuras

Figura 1. Texto noticioso após publicação de reportagem audiovisual.....	45
Figura 2. Notícia da LUSA publicada antes da realização da reportagem audiovisual..	46
Figura 3. Notícia do Porto Canal publicada antes da realização da reportagem audiovisual	47
Figura 4. Imagem representativa da refutação ou confirmação das hipóteses de trabalho	54

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Presença ou não de vídeo nos conteúdos noticiosos do site.....	48
Gráfico 2. Identificação do momento de publicação do conteúdo audiovisual.....	49
Gráfico 3. Identificação do momento de publicação do conteúdo audiovisual, com restrição aos que possuem efetivamente a vertente vídeo	50
Gráfico 4. Identificação das editorias mais presentes nas publicações do Porto Canal Online, entre 8 e 21 de maio de 2017	51
Gráfico 5. Identificação da origem do conteúdo noticioso.....	52
Gráfico 6. Identificação das editorias nos 29 casos em que o vídeo foi posterior à publicação do texto.....	53
Gráfico 7. Identificação da fonte nos 29 casos em que o vídeo foi posterior à publicação do texto	53

Índice de Anexos

Anexo 1 – Mapa do território abrangido pelo Porto Canal – dividido por delegações...	60
Anexo 2 – Dois exemplos de Rondas Diárias com casos reatados, um pertencente à delegação do Tâmega e Sousa e outro na delegação de Guimarães.....	61
Anexo 3 – Exemplo de dois agendamentos.....	62
Anexo 4 – Alinhamento do programa Mundo Local do dia 10 de outubro de 2016.....	63
Anexo 5 – Algumas notícias escritas aquando da passagem pelo Departamento Online do Porto Canal.....	65
Anexo 6 – Tabela de apoio ao gráfico 1.....	69
Anexo 7 – Tabela de apoio ao gráfico 2 e ao gráfico 3.....	69
Anexo 8 – Tabela de apoio ao gráfico 4.....	69
Anexo 9 – Tabela de apoio ao gráfico 5.....	70
Anexo 10 – Tabela base dos 29 casos em que o vídeo é posterior ao texto noticioso.....	70
Anexo 11 – Tabela de apoio ao gráfico 6.....	71
Anexo 12 – Tabela de apoio ao gráfico 7.....	71

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório de estágio é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Vila Nova de Gaia, outubro de 2018

Sara Almeida

Agradecimentos

A primeira vai sempre para os mais importantes! E por isso o meu primeiro agradecimento não podia deixar de ser aos meus pais, que sempre estiveram comigo, mais do que na jornada académica, mas em toda a vida, e que acreditaram mais em mim do que eu própria. Por terem estado sempre presentes nas minhas vitórias, mas também, e principalmente, por me terem dado o abraço necessário nos tempos de tristeza, desilusão e dificuldade. A eles devo tudo o que sou.

Agradecer ainda a toda a minha família, que do seu jeito desajeitado e despreocupado me apoiaram sem saber bem como ou porquê. Ser a primeira a seguir o ensino superior foi um desafio, mas, agora, com a meta à vista é ainda mais doce o sabor de conquista.

Um obrigado ao meu namorado que, ainda que longe desta realidade académica, esteve comigo desde o primeiro dia que pisei o chão da faculdade até agora. Por aturar os dramas, os choros e os “eu não vou conseguir”, por me abraçar e dizer simplesmente “para de chorar, assim não vais resolver nada”, o meu mais sincero obrigado.

Aos amigos, que são sempre a família que escolhemos, o meu mais sentido obrigada. E aqui cabem tantos. Os que estão comigo desde a pré-primária e aqueles que entraram na minha vida à alguns meses e mesmo assim foram um apoio fundamental, principalmente nesta fase final, absolutamente exaustiva. À praxe, ou melhor, aos amigos que a praxe me trouxe, os meus eternos colegas finalistas, um abraço do tamanho do mundo por, também eles, terem sempre acreditado que eu iria acabar, não interessava o ano.

Não menos importante, o obrigado a todos os professores que fizeram parte, não só da minha vida académica, mas sim de toda a minha vida escolar. Eles que sempre me viram crescer, gostar de estudar, de ler e sempre me incentivaram a seguir o sonho de seguir este caminho de descobrimentos: entrar na faculdade.

Um obrigado ao Porto Canal, e em especial à minha orientadora de estágio, Alexandra Costa Martins. Foi ali, dentro de quatro paredes, que sofri muito, chorei muitas vezes, mas foi também ali que aprendi a maior parte do que hoje sei sobre jornalismo e televisão.

Obrigada ao projeto Terras de Gaia com o qual colaboro desde que praticamente terminei o estágio no Porto Canal e que me faz diariamente pôr em prática aquilo que aprendi, mas, acima de tudo, me faz ter novas experiências e aprender mais a cada dia.

No final, mas não menos importante, um obrigado ao Prof. Paulo Frias, pela sua presença. Apesar de eu ter sido uma péssima orientanda, ele sempre esteve presente para mim, me ajudou no que precisei e mostrou que confiava que eu era capaz de terminar este meu percurso. Obrigada pelas dicas, comentários e correções.

A todos, mil vezes obrigada, e a pequena faceta de jornalista que tenho dentro de mim tem uma página escrita por todos vocês.

Resumo

Quando começamos a nossa jornada no Porto Canal pensávamos que sabíamos o que nos esperava, mas desde o primeiro dia lá dentro percebemos que todo o funcionamento de um canal de televisão é bem mais complexo do que podíamos imaginar. Esta noção de realidade começou a fazer ainda mais sentido por, na zona de Agenda/Produção de Informação, onde passamos as primeiras quatro semanas de estágio, estarmos ao lado do segmento online. Quando, nas nossas rondas diárias dávamos conta de algum acontecimento, como acidentes graves ou incêndios, o segmento online pedia-nos toda a informação para construir uma notícia na hora e colocá-la no site e no Facebook do canal, por vezes, antes mesmo do jornalista destacado para a reportagem sair da redação. Estas situações suscitaram-nos interesse pelo papel do Online num canal de televisão, interesse esse que ainda se intensificou mais quando colaboramos diretamente no mesmo departamento durante três semanas.

Este trabalho surge com o objetivo de perceber se o papel da plataforma online do canal televisivo, no caso Porto Canal, é importante e entender, numa contabilização de duas semanas de notícias, qual a quantidade das mesmas que saiu nas duas vertentes, sendo que primeiro no meio online e só depois num bloco noticioso em tv.

As hipóteses que o trabalho tenta confirmar ou refutar são: “O site de um canal televisivo, no caso o Porto Canal, tem uma grande importância no que diz respeito à quantidade de informação que presta”; “O site do Porto Canal dá muitas vezes a notícia antes da vertente televisiva”; “A editoria Norte é a que mais migração entre TV/online apresenta” e, “A maioria das notícias, cuja vertente vídeo é posterior ao texto no Porto Canal, são escritas por jornalistas da casa”.

No final da investigação, apenas a primeira das quatro hipóteses por nós apresentadas se verificou viável de confirmar, enquanto as restantes foram refutadas no decorrer da análise e cruzamento dos dados por nós recolhidos.

Palavras-chave: Jornalismo, Televisão, Online, Notícia, Migração de Informação

Abstract

When we started our journey at Porto Canal we thought that we know what to expect, however since our first day in, we realized that the operation of a television channel is more complex than we could imagine. This reality started to make more sense for, Information Scheduling/Production, where we spent the first four weeks of the internship, being next to the online segment. When, on daily rounds we were aware of any event, like serious accidents or fires, the online segment would ask for all the information to build the news immediately and put it up on the website and at the channel's facebook page, sometimes even before the chosen reporter left the newsroom. This situations have aroused interest, for us, on the role of the Online on a television channel, interest that grew more as we colaborated directly in the same department for three weeks.

This essay arises with the goal of understanding if the role of the online platform in this television channel, Porto canal, is important and understand, having into account two weeks of news, what is the amount that was published in both platforms, being that firstly it would be online and only then in a news block, on television.

The chances that this essay is trying to confirm or disprove are: "The website of a television channel, in this case Porto Canal, has great importance when it comes to the amount of information that matters"; "The Porto Canal's website publishes de news before it's televised"; "The North's editor is the one that presents the biggest migration between TV/online" and, "The majority of news, where the video strand is posterior to the text in Porto Canal, are written by house journalists".

At the end of the investigation, only the first of the four hypothesis presented by us was viable of confirmation, as for the rest of them were disproved during the analysis and data crossing that we gathered.

Keywords: Jouralism, Television, Online, News, Information Migration

Introdução

Este relatório surge no âmbito de um estágio curricular realizado no canal televisivo Porto Canal, entre o dia 19 de setembro de 2016 e o dia 3 de fevereiro de 2017. Durante o período de cerca de cinco meses integramos, como todos os estagiários que vimos por lá passar, a equipa do canal em três vertentes: a Agenda/Produção de Informação, o Departamento Online e o jornalismo televisivo.

Ao longo da nossa passagem pelo meio estivemos em todas as vertentes do canal, mesmo na régie ainda que apenas de forma observacional. Chegámos ao canal na semana de comemoração do décimo aniversário e, por isso, a dinâmica foi mudando ao longo dos tempos, uma vez que nessa semana em particular os blocos noticiosos aconteceram em espaços exteriores à redação. Durante a nossa permanência no Porto Canal tivemos o prazer de assistir a grandes momentos televisivos e a grandes casos: como a vitória de Donald Trump para assumir o comando dos Estados Unidos da América, o caso do “piloto” Pedro Dias, a visita dos reis de Espanha ao Porto, entre muitos outros.

Com a mudança do paradigma jornalístico ao longo dos anos, o peso da internet no jornalismo e no dia a dia dos meios de comunicação já existentes, como é o caso da televisão, viu-se também obrigado a mudar e a acompanhar as novas tecnologias. Ao trabalharmos diariamente ao lado e até mesmo no Departamento Online percebemos que a sua dinâmica era muito própria, de instantaneidade na partilha de notícias face aos horários delimitados para blocos noticiosos televisivos. Daqui surgiu o interesse de aprofundar este tema, que nos dá conta da migração de informação entre meios dentro do mesmo órgão de comunicação.

Na primeira parte deste trabalho fizemos um levantamento sobre opiniões e estudos que dão conta não só das características destes dois mundos jornalísticos - a TV e o Online – como qual apresenta maior peso informativo para a sociedade nos dias de hoje, chegando mesmo a cruzar os dois na partilha e suporte de um no outro.

Seguiu-se uma pequena contextualização sobre o nosso caso de estudo – o Porto Canal – contando um pouco da sua história e do seu trabalho. Depois, exaustivamente, descrevemos tudo o que aprendemos e vivenciamos no nosso dia a dia ao longo dos cinco meses em que estagiamos no canal televisivo, dividindo pelos três diferentes setores acima referidos, de modo a facilitar não só o relato, como a procura por parte do leitor.

Partimos com quatro hipóteses iniciais de trabalho resultantes do questionamento prévio de algumas questões como: “Será que o número de notícias que sai diariamente no

site é significativo tendo em conta o número de notícias que passa num noticiário?"; "Será que é frequente o site do Porto Canal dar as notícias antes da vertente televisiva?"; "Um vez que se trata de um canal regional, será que é a editoria Norte aquela onde mais vezes acontece esta situação de migração de informação?"; e "Será que a maioria das notícias que saem primeiro no site e só posteriormente no canal, são escritas pelos jornalistas da casa?". Daqui resultaram as seguintes hipóteses: "O site de um canal televisivo, no caso o Porto Canal, tem uma grande importância no que diz respeito à quantidade de informação que presta"; "O site do Porto Canal dá muitas vezes a notícia antes da vertente televisiva"; "A editoria Norte é a que mais migração entre TV/online apresenta" e, "A maioria das notícias, cuja vertente vídeo é posterior ao texto no Porto Canal, são escritas por jornalistas da casa".

As notícias que saem apenas em Online têm texto e, por vezes, fotografia, já as que saem em Tv e são posteriormente colocadas no site, têm o vídeo e uma pequena descrição. As que representam o caso em análise, ou seja, que são publicadas no site e passam no noticiário apresentam as duas vertentes: o texto, que é o primeiro a aparecer no site e, depois, o vídeo, que é posteriormente anexado ao texto como forma de complementação. Analisamos então, num total de duas semanas de notícias do site, quantas delas tinham ou não vídeo, das que tinham, quais tinham sido colocados após o texto, a que editoria pertencem (numa tentativa de perceber se alguma editoria mais presente neste fenómeno da migração de informação) e a fonte, para vermos se nas notícias em que acontecia as migrações, a maioria era escrita por um jornalista do departamento online ou se chegava ao canal através da Agência de Comunicação LUSA.

Numa fase final do trabalho apresentamos a nossa temática e a análise e cruzamento de todos os dados necessários para refutar ou aceitar as mesmas hipóteses, sendo que os resultados foram surpreendentes tendo em conta os pré-conceitos que a nossa experiência pessoal tinha construído na nossa mente.

1. Jornalismo

Jornalismo é comunicação! No mundo, desde sempre existiu a necessidade de comunicar. Se comunicação é jornalismo e vice-versa, arriscamo-nos a dizer que, como sempre existiu comunicação, sempre existiu jornalismo, mesmo que não-organizado nem nos moldes que hoje o conhecemos. “A notícia é um “produto” à venda, mas não é um produto qualquer. É através do que está sendo noticiado que as pessoas tomam contato com o mundo que as cerca” (VIZEU, 2002).

Comunicação foi algo que sempre existiu no mundo e, jornalismo, de certa forma, também. Podia não ser organizado nem escrito, mas o proliferar de uma informação sobre algo que tinha acontecido num certo local ou com uma certa pessoa sempre existiu, ainda que de boca em boca, aliás, podemos considerar essa a primeira forma de jornalismo. O ser humano sempre teve necessidade de passar informações. Desde os primeiros anos de escolaridade que aprendemos que, antigamente, as lendas, histórias e conhecimentos eram passados oralmente entre famílias, amigos e conhecidos, o que prova desde logo que nunca a sociedade viveu sem informação. Ora, tal como acontecia com essa informação mais especializada, também a informação mais rápida, de novidades ou acontecimentos, passava de boca em boca. (SOUSA, 2008, p.5). Uma pessoa estava no local de um assalto no centro de uma vila, por exemplo, e quando regressava à aldeia contava aos vizinhos que tinha havido um assalto na vila; esses mesmos vizinhos contavam à família, aos amigos, e a notícia do assalto na vila proliferava. Consideremos então esta a primeira forma de jornalismo, a boca-a-boca e ao acaso, e podemos inclusive brincar e pensar que o primeiro jornalista do mundo poderá ter sido uma vizinha curiosa qualquer. Mas com o avançar dos anos e das necessidades, estas formas de comunicação foram-se alterando e uma vertente mais organizada começou a aparecer numa certa fase da história mundial. Foi ainda nos tempos da idade média que apareceu aquela que consideraremos a segunda fase do jornalismo, também ela oral, mas mais organizada do que anterior. Os pregoeiros eram empregados da nobreza ou mesmo da casa real, e representaram a proliferação de informação na Idade Média, uma vez que iam entre povoações espalhar a palavra incumbida pelo rei ou pelos senhores (CRATO, 1982, p.29).

No entanto, foi o desenvolvimento industrial e inventivo que fez a comunicação, e mais precisamente, o jornalismo dar o “salto”, tornar-se físico, escrito, mais facilmente reproduzido, uma vez que até então era de boca em boca e muitas vezes de um para um ou para um grupo reduzido. A máquina de impressão tornou possível chegar a “massas”

ainda que não nos termos em que falamos de “massas” hoje em dia (SOUSA, 2008, p.69). Esta vertente escrita do jornalismo foi impulsionada nesta fase de invenção de máquinas de impressão e de reprodução em quantidade. A época estava propícia às invenções e, portanto, outras formas de comunicação acabaram por se ir envolvendo. O telégrafo e o telefone foram duas dessas novas formas de comunicação que facilitaram em muito a vida das pessoas, permitindo-as comunicar com o outro lado do mundo em apenas alguns instantes, permitindo assim que informação desse outro lado do mundo e em maior quantidade chegasse e ficasse disponível para a população no geral. Ainda assim, eram os jornais a maior fonte de informação, também a mais facilmente acessível, não só pela quantidade de jornais que eram replicados como pelo preço; um telefone, por exemplo, era caro, ainda nos lembramos de ouvir os avós contar que dos tempos em que havia poucos nas aldeias ou cidades, quando apenas as mercearias tinham e eram quase comunitários, todos pagavam para o poder usar. Por isso, os telefones e telégrafos melhoraram a situação, mas o jornal manteve-se como forma de comunicação mais expressiva, pelo menos até ao século XX, quando apareceu a rádio e, posteriormente, a televisão (LETÃO, 2013, p.8).

Aquando da organização do jornalismo, na época do papel, este tornou-se, e ainda hoje é considerado, uma forma de moldar ideias, uma vez que é consumido por massas, nem sempre muito informadas e que acreditam naquilo que alguém, mais especializado, escreve, “a atividade jornalística, nos seus primórdios, teve um caráter revolucionário, de denúncia, de esclarecimento, de formação de ideias e fomentadora do debate público. O direito à liberdade de expressão é um dos valores mais importantes na construção da sociedade democrática moderna” (OLIVEIRA, p.2), por isso é que foi e ainda é considerado um quarto poder na sociedade.

Ainda que já tenha sido mais notória a situação de dependência dos meios de comunicação, ainda hoje, muitas pessoas só sabem que há terremotos, tempestades e furacões do outro lado do mundo porque um jornalista disse, porque leu uma notícia sobre o assunto, viu na televisão, ouviu algures na rádio ou encontrou algum post sobre isso no Facebook ou noutra qualquer rede social. Depois de um grande assunto mediático, todas as pessoas se baseiam em dados e notícias pois confiam que aquela informação é a correta, e também é, muitas vezes, a única a que têm acesso. “Hoje as relações do homem com o mundo são cada vez mais construídas pelo campo mediático. Comentários como: “Você viu, deu ontem na tevê...”; “O jornal disse...”; “o rádio deu agora há pouco...”, fazem parte do nosso cotidiano” (VIZEU, 2002).

Com este papel do jornalismo veio também a responsabilidade daqueles que o exercem. Porquê? Porque a pessoa que está do lado da notícia, o jornalista, dá a mesma da sua forma, e sendo o mais ético e profissional possível, estará sempre a influenciar a notícia, ora pela fonte que escolhe, pelo tom que usa, pela parte da intervenção do entrevistado que escolhe mostrar; tudo na construção de uma notícia acaba por depender do jornalista (SERRA, 1993, p.45). Se analisarmos bem a questão, seja em tv, em rádio, em online ou mesmo para imprensa impressa, o jornalista ao escolher as fontes, os entrevistados, ao construir as perguntas que vai colocar, ao escolher a fotografia que vai usar e as filmagens com que inicia uma reportagem, tudo isto passa por uma escolha pessoal, debruçada sobre crenças, ideologias e educação que moldam a visão com que alguém se debruça sobre um assunto, acabando por influenciar o produto final (notícia), logo, a mesma notícia escrita por dois jornalistas diferentes pode também ela ser totalmente diferente (OLIVEIRA, p.4). Escrever uma notícia não deixa de ser o “contar de uma história”, a difusão de uma ideia acontecimento ou conhecimento a uma franja mais alargada da população, que muitas vezes contribui para a construção da opinião pública sobre um assunto (BELTRÃO, 1992, p.67), no entanto, baseada apenas na visão de alguns, para que a imparcialidade seja a maior possível, é importante ouvir o máximo de intervenientes possíveis, de todos os lados da história, pois por muito diferente que os jornalistas e o a perspetiva da notícia possa ser, esta tem de ser também o mais imparcial possível, logo, há sempre pontos em que não podem diferir, aqueles que são os princípios básicos de qualquer notícia: o quê, onde, com quem, quantos.

“O jornalismo é, então, uma reconstrução da realidade tendo como ponto de partida a veracidade das informações obtidas” (OLIVEIRA, p.3)

1.1.Televisão (TV)

E se o jornalismo, o consumo diário de notícias através dos jornais, veio mudar a forma como a população via o mundo, a televisão veio revolucionar de novo e de forma mais evidente a maneira como as pessoas consumiam notícias. Apesar de, frequentemente, se atribuir ao online, à internet e às redes sociais a crise do jornalismo em papel, foi com a televisão que este começou a perder adeptos. Bourdieu apontou esta dependência do público pela televisão, uma vez que existe uma grande franja da população que não sai de casa para comprar o jornal, ou seja, depende integralmente da informação que lhe chega sem qualquer esforço, apenas com um clique no comando. Sob

essa população, e fala-se de uma quantidade expressiva, a televisão tem o monopólio na escolha das temáticas a mostrar e na formação de opinião (BORDIEU, 1997, p.10). Brandão validou os pensamentos de Bordieu, afirmando que a televisão era a maior distribuidora de “cultura ao domicílio” e ressaltando a dependência da população deste meio de comunicação para a percepção do mundo e do que nele acontecia diariamente (BRANDÃO, 2010, p.150).

A vertente imagem e som conquistaram a atenção das massas que mais do que saber o que se passava passaram a poder ver e ouvir. Deixou de ser o jornalista a contar o que se passava, o espetador estava a ver, era como se ele próprio estivesse a viver a notícia, a televisão proporcionou-lhes esta linha ténue entre a realidade e a ficção, entre o aqui e o outro lado do mundo (CANCIO, 2005, p.28).

As características particulares da televisão, mas mais expressivamente, a imagem, elevou o jornalismo. A possibilidade de fazer diretos e o facto de as pessoas não poderem disfarçar incómodos com as perguntas, feições e gestos em frente à câmara alterou o modo de consumo. A televisão fez com que o público comesse a perceber tudo isso, e cada gesto ou semblante tem um significado para o espetador que o jornalista, sendo imparcial e ético, não podia passar de forma escrita. Aliás, esta posição de vulnerabilidade do entrevistado, uma vez que qualquer alteração de semblante ou recusa na resposta era visível para todos, mudou também a atitude dos jornalistas, que começaram a usar a sua posição para tentar saber cada vez mais e muitas vezes “tirar” ao entrevistado muito mais do que ele queria dizer (BARBEIRO e LIMA, 2005, p.85).

O meio televisivo vive, no entanto, pressões diferentes daquelas que vinham do mundo do jornalismo em papel, ou jornalismo impresso. A sequência de montagem de uma reportagem onde imagem, som e informação têm de coexistir e combinar para tornar a mensagem transmitida mais facilmente compreendida para todas as franjas da população, é uma das variáveis mais interessantes, no entanto, mais difíceis da vertente televisiva. Montar uma reportagem tem de ser como contar uma história, onde nenhuma ponta pode ficar solta para não originar questões não respondidas (BARBEIRO e LIMA, 2005, p.102). O mundo televisivo também segue características muito próprias. A informação tem de ser apresentada de forma mais simples ao seu público uma vez que tem de ser apreendida de imediato, ao contrário do jornalismo impresso onde os consumidores podem voltar atrás e reler as vezes que forem necessárias para compreender. Já na televisão, o jornalista tem de ter a preocupação de apresentar todos os factos da forma mais simples e compreensível de todas, pois a compreensão tem de ser

imediate e o público para quem fala é muito abrangente. No Porto Canal a Vanda Balieiro, chefe de redação, costumava dizer uma frase sobre esta temática que me ficou na memória até hoje: “O texto para a notícia televisiva só está bem feito se o teu irmão de 6 e o teu avô de 80 perceberem o que queres dizer”.

É importante notar que existem várias formas de apresentar notícias ao longo do dia em televisão, no entanto, são os noticiários que compilam um maior número de conteúdo noticioso num curto espaço de tempo.

Em televisão e, especificamente, num noticiário, a informação pode aparecer das mais diversas formas, como por exemplo:

- Notícia de Redator – uma peça com toda a informação sobre a temática, imagens sobre a mesma, mas sem entrevistas, pelo menos, presenciais, sendo que pode conter alguma declaração telefónica. Muitas das vezes para “pintar” estas notícias são usadas imagens de arquivo sobre a temática.

Ex.: Notícia sobre a retirada de um medicamento do mercado – é feita uma notícia na redação sobre o comunicado da Infarmed sobre o porquê daquele medicamento ter sido retirado do mercado. Pode haver uma entrevista a alguém da Infarmed por telefone, mas não é obrigatório, dependendo do caso e da polémica que estiver envolvida, e, por fim, a peça é “pintada” com imagens de arquivo de medicamentos e farmácias, por exemplo!

- Reportagem – É o tipo mais comum, trata-se de uma notícia completa, com deslocação do jornalista ao terreno, imagens do caso específico e, normalmente, entrevista a algum interveniente no caso noticioso, normalmente mais que um.

Ex.: Um acidente rodoviário, em que o jornalista vai ao local, fala com alguém que viu o acidente, fala com as autoridades presentes e depois monta a reportagem com imagens do local do acidente e com apresentação das BOCAS dos intervenientes que entrevistou no local.

- Grande Reportagem – É, na sua essência, igual à reportagem, a única diferença é o tamanho. Normalmente são sobre assuntos muito importantes, casos polémicos, assuntos que estão no foco da atenção dos massa.

Ex.: Uma notícia alargada sobre o regresso às aulas onde até se acompanha uma família nas compras, se faz as contas de quanto a família gasta, etc.

- TH/BOCA – Um excerto de entrevista que vai para o ar isoladamente, ou, e acontece muitas vezes, depois de um OFF (ver abaixo).

Ex.: Excerto do discurso de alguém sobre uma temática específica, por exemplo, devido a uma greve, usar um excerto de um discurso ou de uma entrevista do presidente da república.

- OFF – Notícia em texto curto lido pelo pivot e coberto com imagens sobre os factos apresentados; normalmente informações mais simples.

Ex.: Notícia de um monumento da cidade que é candidato a um prémio nacional, por exemplo.

- Direto – Entrada em tempo real do local dos factos

Ex.: Quando um jornalista vai fazer um incêndio de grande escala e acaba por entrar em direto no noticiário, a comentar e explicar os factos diretamente do local.

- Comentário – Quando, em estúdio, está um ou mais especialistas que dão o seu parecer sobre certa notícia ou temática

Ex.: Está na ordem do dia a reestruturação dos serviços nos hospitais e está um diretor de um hospital em estúdio a comentar porque é necessária e como funciona no seu hospital em específico, por exemplo.

A ordem pelas quais as notícias são apresentadas num órgão de comunicação, e principalmente, num programa dedicado inteiramente a elas, como é o caso do noticiário, não é ao acaso. A ordem influencia os espetadores, uma vez que cria uma espécie de categorização de importância dos assuntos que os rodeiam no dia a dia. Alguns autores, como é o caso de Brandão, acreditam que os órgãos de comunicação escolhem para iniciar os programas noticiosos as reportagens mais geradoras de choque, algo que acaba por “distorcer” a realidade dos cidadãos (BRANDÃO, 2010, p.157). Esta espécie de seleção natural nas notícias constrói, na população e no público, uma noção distorcida do que poderão ser as notícias mais importantes do dia, uma vez que passa aquilo que o canal e a linha editorial do mesmo quer que passe. “Nunca, pelo pequeno ecrã, temos acesso pleno àquilo que acontece, mas é através dos ângulos nele refletidos que se constrói parte do saber/mundo comum que nos integra, uns com os outros num quotidiano partilhado (LOPES, 2008, p.46).

A verdade é que a imagem, que foi o grande fator conquistador da televisão, faz com que só o que seja espetáculo, ou seja, o que tenha impacto visual seja passivo de ser notícia televisiva, deixando para trás muita informação que, apesar de importante, não daria um bom “espetáculo” a nível de imagem. Entenda-se, os acontecimentos podem ser importantes de noticiar, mas se a nível de imagem não tem impacto não é passivo de ser

reportagem televisiva. Isto transforma-se num ciclo vicioso: não tem uma imagem boa para tv, não passa no noticiário de tv, não é notícia, não é verdade para a população (RAMONET, 1999, p.27). Por exemplo, uma reportagem sobre uma greve numa fábrica. Se numa fábrica onde trabalham 1000 funcionários, 800 fizerem greve a reivindicar um melhor salário, é muito significativo, é noticiável. No entanto, se à porta da fábrica, apenas cinco desses 800 grevistas estiverem com cartazes e a tentar fazer-se ouvir, para o meio televisivo não é apelativo. Cinco pessoas numa greve seria algo que ficaria pobre a nível de imagem, logo, provavelmente, o canal não passaria essa notícia no seu bloco informativo, mesmo que a greve tenha sido realmente significativa.

A concorrência foi e é uma das grandes problemáticas da televisão, bem como a falta de tempo. Este tempo escasso prejudica, por vezes, a transmissão de notícias para a população. Inicialmente, porque, ainda em fase de preparação de um noticiário, tem de existir uma seleção dos temas de maior interesse, seguindo muitas vezes como critérios de escolha as características acima referidas de mediatismo e poder das imagens, consoante o tempo designado para o noticiário. No entanto, também durante a exibição do noticiário, o tempo pode condicionar as notícias previamente escolhidas. Ou seja, um direto, por exemplo, ou uma entrevista em estúdio, pode demorar mais do que previsto e, conseqüentemente, “roubar” tempo que seria de outras reportagens. Tem de ser feita, aqui, uma rápida escolha de que peças terão de “cair”, uma vez que já não passarão no noticiário devido à falta de tempo. Novamente, e com esta seleção, nem toda a informação considerada importante anteriormente vai chegar à população com previsto e atraca apenas aquela que outros consideram mais importante.

Já no campo das audiências e para as manterem o mais altas possíveis, os canais de televisão, que foram aparecendo em grande escala ao longo dos tempos, começaram a sensacionalizar, uma vez que causava mais impacto naqueles que assistiam, exagerando cada vez mais na escolha das notícias pelo impacto que as imagens possam causar no público. Popper defendia que apesar de o sensacionalismo ter sido a arma da audiência, “o sensacionalismo raramente é bom” (POPPER, 1995, p.17). A televisão e os próprios blocos noticiosos parecem, hoje, um pouco construídos em torno do que é negativo numa lógica de que é aquilo que as pessoas querem ver. “Hoje em dia a informação televisiva é essencialmente um divertimento, um espetáculo. Ela se nutre, fundamentalmente, de sangue, violência e morte” (RAMONET, 1999, p.101).

Existem, no entanto, questões mais socialmente incutidas à televisão. São exemplos disso: os padrões de beleza e o sotaque.

A ideia de que para se trabalhar em televisão, ainda que em jornalismo, e não entretenimento, tem de se ser bonito, magro e bem apresentado, foi, na sua essência, uma ideia mais construída pela sociedade do que pelo meio em si, ainda que este a tenha vindo a alimentar ao longo dos anos. Quando tudo no mundo televisivo começou a girar em torno da beleza, também os jornalistas acabaram por ser levados na corrente, principalmente os de maior destaque, como pivots.

O sotaque na televisão, principalmente em Portugal, é um assunto com demasiada importância. Os padrões estabelecidos de que a isenção de sotaque é o que funciona melhor para o público poderá nem sempre estar correto. Ainda que academicamente e nos canais se ensine esta realidade, de que o sotaque não pode existir, de que é um fator distrativo para o público que se concentrará nas diferenças de pronúncia em vez do conteúdo da notícia, alguns autores parecem discordar dessa realidade. Barbeiro e Lima são exemplos de defensores de que os sotaques regionais dos repórteres devem ser respeitados, preservados e não anulados como se estuda. Os sotaques representam as diversas formas de falar de cada região, a forma como cada franja da sociedade interpreta uma palavra ou uma frase, o ritmo, a entoação que pode variar de zona para zona. Ter sotaque não é falar mal nem dizer as palavras incorretamente, são só entoações que representam um mundo, ou no caso, um país, todo ele representado por formas de falar distintas (BARBEIRO e LIMA, 2005, p.149). Se no país existem várias pronúncias, porque não podem elas ser aceites no meio jornalístico? Se existem pessoas a falar com várias entoações, ritmos e pronúncias no mesmo país, não faz sentido não existirem jornalistas com as mesmas características, a representar essas diversas franjas da população.

Importa ainda salientar que o mundo televisivo, o jornalismo televisivo, tem mais intervenientes do que o público no geral considera. Numa notícia de um canal televisivo podem estar envolvidas facilmente uma dúzia de intervenientes. Alguém da produção, que trata normalmente de toda a parte invisível das notícias, desde fazer os contactos a agendar a data e local da reportagem, existe o jornalista que vai ao terreno, o repórter de imagem que o acompanha para a recolha de, como o próprio nome indica, imagens. Pode ainda existir um editor, que monta a notícia, ou seja, faz a junção das imagens com a voz e texto do jornalista. Além destes, pode ser necessário envolver algum técnico de grafismo, quando a notícia assim o exige. E se parece terminado por aqui, o pivot, que lança a notícia bem como os técnicos que o acompanham em estúdio e toda a equipa da régie que torna possível a sua transmissão, não podem ser esquecidos nesta contabilização

de equipa necessária para que uma reportagem chegue do terreno à televisão de qualquer casa.

No entanto, e com o ritmo cada vez mais acelerado da sociedade, também esta vertente de media começou a perder adeptos. Alguns por terem interesses em assuntos específicos e não quererem perder uma hora a ver um noticiário quando só tinham interesse numa ou duas notícias daquela programação. Outros, porque à hora do noticiário, estavam ocupados e não podiam acompanhar a informação. Também os avanços tecnológicos foram de encontro a estas problemáticas com a possibilidade de gravação de programas nas próprias tv's ou mesmo a possibilidade de retroceder um programa até ao momento específico que a pessoa quer ver. O crescente aparecimento de canais especializados em áreas como desporto, cultura e história mostraram-se também uma solução para combater este desinteresse geral.

A sociedade está em constante mudança, a televisão também. É inegável que a televisão continua a ser uma das maiores fontes de consumo de informação e ainda é habitual as pessoas validarem as informações baseadas no facto de ter ou não dado na televisão, “se deu na televisão, então, é porque é verdade”. No entanto, a internet veio mudar tudo...

1.2. Online

Culpa, aparente, do crescente ritmo a que a sociedade vive nos dias de hoje, também a informação e o acesso à mesma sofreu mudanças ao longo do tempo e teve de aumentar. A população não quer esperar pela hora do noticiário para saber o que aconteceu ou o que está a acontecer; quer saber, na hora, o que está a acontecer, e com o maior detalhe possível.

Foi assim que a internet tomou conta, como noutras áreas da vida da sociedade atual, do meio jornalístico.

O jornalismo online, webjornalismo, ciberjornalismo, considerando que estas são apenas algumas entre muitas outras formas de o designar, começou a tomar proporções gigantescas, ultrapassando os meios de comunicação mais tradicionais, como o jornalismo impresso, a rádio e a televisão, que tinha sido a maior revelação até então.

A verdade é que este novo formato jornalístico trouxe muitas mudanças, não só à forma como as pessoas viam o jornalismo, mas também, e talvez estejam aí as maiores diferentes, à forma como se faz jornalismo. São inúmeras as plataformas/sites noticiosos,

o que acarretou consigo também uma grande quantidade de falsas notícias. Cabe ao público a validação da informação e este, nem sempre tem a capacidade de tomar uma boa decisão na validação ou não.

Apesar de já há vários anos se vir a difundir, o jornalismo online é ainda uma vertente recente e, diariamente, os profissionais têm de aprender a lidar com a rede em que o jornalismo é de todos e não apenas dos profissionais. Jornalistas e grandes cadeias de jornalismo aprendem diariamente a adaptar-se a este meio, novo, em constante mudança, de ambiente aberto e comunicacional (BASTOS, 2000, p.73).

O jornalismo online tem a capacidade de agregar em si todas as formas de interação e de jornalismo conhecidas até então: a escrita, a voz, o som, o vídeo, a fotografia, ou até mesmo, todas elas ao mesmo tempo. Aliás, junto a esta primeira característica/benefício está também associada a primeira dificuldade. Se as possibilidades se tornam infinitas, a dificuldade passa pela decisão. O ritmo é alucinante, porque, mais do que nunca, há pressa para que a notícia esteja na “rua” o mais rapidamente possível, há uma infinidade de possibilidades de formatos, onde os editores têm a dificuldade acrescida de decidir qual é a mais adequada para cada momento, para cada editoria, para cada notícia (SALAVERRÍA e NEGREDO, 2008, p.162). Esta dificuldade desta combinação de diferentes e até infinitos elementos de comunicação, supõe um conhecimento muito mais vasto sobre a relação dos diferentes meios de comunicação, que até então, com a tv, a rádio e o jornalismo impresso, não era tão necessário. É preciso saber o momento certo para usar cada característica de cada meio, mas, mais difícil, saber o momento certo para misturá-los, conjuga-los, sem que se anulem e apenas se complementem (BASTOS, 2000, p.147).

Mas a verdadeira característica que elevou o jornalismo online ao patamar onde hoje se encontra é a instantaneidade, já referida acima. A necessidade de saber tudo o mais rápido possível, de não ter de esperar, num dia-a-dia corrido como o de atualmente, o estar à distância de um clique no telemóvel que já é o bem mais pessoal de toda e qualquer pessoa; isto faz do jornalismo online a revolução. O facto de, por exemplo, um acidente ter acabado de acontecer e quase na mesma hora, ou apenas uns minutos depois, poder ser colocado online toda a informação sobre o mesmo, sem ter de esperar pelo bloco noticioso é a principal marca desta revolução comunicacional (ZAMITH, 2008, p.32).

E porque o jornalismo online é considerado a grande revolução dos tempos modernos, outra das grandes mini revoluções que arrastou com ele foi a maior interação do público com as temáticas e as notícias (PADILHA, p.10). Os links, as hiperligações,

os blocos de comentários foram uma realidade desde logo associadas ao jornalismo online e que permitem que o público se sinta mais próximo e mais presente na temática, seja ela qual for. Palacios dizia que foi neste formato jornalístico que as pessoas se sentiram mais próximos do processo de contruir notícias. E esta inclusão do leitor deu-se de diversas formas. Começou por uma possibilidade de troca de e-mails, mas culminou em fóruns de discussão, chats, comentários nas notícias nos sites oficiais dos próprios órgãos de comunicação (PALACIOS, p. 3)

À semelhança do que foi descrito acima, na realidade televisiva, sobre seleção, gostos e especializações, esse foi também é também fator mais facilitado na realidade online. A pessoa que procura a informação online sabe o que quer ver e só vê isso mesmo. Não tem de assistir ou ler todas as notícias, lê apenas, por exemplo, as de cultura, se esse é o seu verdadeiro interesse. Ou seja, abre e lê, vê ou ouve o conteúdo que lhe interessa, ignorando tudo o resto., tudo isto de uma forma muito mais facilitada do que nos restantes formatos de comunicação e apresentação de conteúdo noticioso (LEITÃO, 2013, p.37). Um espectador, passa por 20 títulos de notícias e abre apenas aqueles que lhe captaram mais a atenção, ou por serem temáticas de maior interesse para si ou por lhe ter despertado a curiosidade por algum fator específico. Tudo o resto, ainda que considerado pela generalidade, como mais importante ou até mesmo mais interessante, apesar de ao alcance, poderá nunca ser assimilado por grande parte da população.

E porque o mundo virtual é, todo ele, uma pandora de oportunidades e características, outra delas e das que mais marcas pode deixar, o que nem sempre é uma coisa positiva, é o facto de que depois de publicado, nada desaparece. Ou seja, o online é um ótimo arquivo de informação. Mas isto funciona enquanto pau de dois bicos, como já dizia o ditado. Se a informação fica para sempre no sistema, também os erros nelas descritos por vezes, ficam para a eternidade disponíveis.

Vários estudos foram feitos sobre o porquê da população aderir cada vez mais à consulta noticiosa online, alguns dos pontos acima elencados foram considerados os mais importantes. Uma “pesquisa realizada em 2005 indicou que boa parte dos webleitores vê a instantaneidade (41%), a interatividade (28,11%) e o acesso a arquivos de notícias (19%) como as principais características do webjornalismo” (PADILHA, p.3).

Mas os profissionais também tiveram de se adaptar a este novo formato e a esta nova forma de fazer jornalismo. Além de sair cada vez menos para o terreno e de construírem, cada vez menos, notícias próprias e de investigação, os jornalistas da plataforma online acabam, muitas vezes, por apenas adaptarem notícias de outros

formatos ao online. Os denominados jornalistas passam a ter uma responsabilidade acrescida. Maioritariamente constituídos em equipas pequenas, devido à falta de meios humanos, técnicos e financeiros, os jornalistas que trabalham em plataformas online passam grande parte do seu horário de trabalho a adaptar notícias de jornal ou produzidas por agências noticiosas à plataforma web, escolher e selecionar fotografias e vídeos, muitas vezes também de outros colegas, para ilustrar as notícias que transformaram em conteúdo web. Além de tudo isto, o profissional ainda toma, normalmente, a responsabilidade de partilhar as notícias em redes sociais e outras plataformas, moderar a participação do público, através da monitorização dos comentários e, por vezes, ser “técnicos informáticos” (BASTOS, 2010,p.3). Sim, muitas vezes, o jornalista acaba por ter de fazer tudo o que envolva o computador/tablet/telemóvel em que trabalha, bem mais do que a simples competência jornalística tradicional da redação e ética da informação, tendo de ter preocupações como as referidas: controlo de comentários, edição de fotografias e resolução de problemas técnicos.

Além dos inúmeros novos sites de informação que apareceram, também as redes sociais, novas tecnologias e aplicações começaram a envolver esta nova modalidade rápida de informação em massa e para as massas. A partilha do conteúdo noticioso através das redes sociais começou a ser cada vez mais frequente por se tratar de “um local” onde os indivíduos passam cada vez mais horas do seu dia-a-dia e do seu tempo livre. Aplicações e formatos para as novas tecnologias para receber notícias de última hora por sms, ou avisos hora a hora com as notícias mais importantes, podendo ainda ser selecionado por cidade ou até região. Todas estas realidades estão à distância de um clique, deixam as pessoas mais próximas dos conteúdos noticiosos, mas acabam por chegar ao público numa quantidade tão alucinante que, por vezes, nem dá tempo das pessoas assimilarem.

Portanto, apesar do jornalismo online ter criado, como disse anteriormente, uma infinidade de novas plataformas e sites informativos, também os meios de comunicação mais tradicionais acabaram por enveredar nesta modernidade, e assim, praticamente todos, sejam jornais impressos, canais de televisão ou estações de rádio acabaram por criar a sua plataforma online e, conseqüentemente, as suas páginas nas diversas redes sociais.

1.3.Migração de informação entre TV e Online

A migração de conteúdos entre os diversos meios de comunicação começou a ser uma realidade cada vez mais presente no dia-a-dia da sociedade. O facto de, como dissemos anteriormente, cada órgão de comunicação ter associado à sua própria plataforma, uma outra, online, fez com que os dois trabalhassem em conjunto, como uma forma de se complementarem.

Por muito peso e importância que o jornal impresso ainda tenha e possa já ter tido no dia-a-dia noticioso da população, hoje é inegável que a são a televisão e a internet os dois maiores centros de distribuição de informação em todo o mundo e para todas as idades. Cádima apresentou, na sua obra, um estudo que mostrou que nos países desenvolvidos, o consumo de notícias através da internet, sobretudo nas faixas etárias mais jovens, já apresentava níveis de consumo bem superiores aos da televisão. Os dados mostravam ainda que, nos Estados Unidos da América, em 2008, a web era o segundo suporte mais procurado para conteúdo noticioso e nas quais as pessoas dispendiam mais tempo, vencida apenas pela televisão, mas já ultrapassando a imprensa tradicional e a rádio. Cádima, nesta explanação de estudos, mostra um “andar a par e par” da televisão e da internet, porque apesar de nos dados anteriores a tv ainda superiorizar a procura face à web, em 2004, um estudo já mostrava que se as pessoas tivessem de optar apenas por dois meios de comunicação, a internet seria o primeiro, uma vez que representou a escolha de 45,6% dos entrevistados americanos, enquanto a televisão apareceu em segundo representando 34,6% das escolhas (CÁDIMA, 2011, p.13). A verdade é que a própria população se debate entre estes dois meios. Em 2011, um relatório da OberCom dava conta de que, em Portugal, a população ainda confiava mais na informação adquirida a partir da televisão do que da internet, o que representou, em percentagens, uns esmagadores 71,3% para a televisão, contra uns 37,3% da internet. (LEITÃO, ,p.81)

Falando especificamente destes dois meios, é fácil perceber porque é que a televisão facilmente se apoia no online e vice-versa.

A televisão utiliza o online para, primeiro, sair com a notícia na sua plataforma o mais rápido possível e não ter de esperar pelo bloco noticioso para o mostrar ao público. Um dos grandes inconvenientes, ou condicionantes, da televisão é ultrapassado facilmente no caso da internet. O tempo, por si, uma vez que em televisão, e especialmente, em blocos noticiosos, tal como abordado acima, o tempo ´contabilizado ao segundo o que condiciona não só o número de reportagens que saí como também o

tamanho das mesmas. Também a sequência pela qual as notícias aparecem seguem uma lógica, normalmente regida por editoriais (ex: saúde, política, economia, etc.), acrescentando a isto o horário fixo e estanque a que normalmente passam estes blocos, recentemente mais facilitado pelas novas tecnologias que permitem um retroceder. A internet, por sua vez, tem uma duração infinita, em tempo e em espaço, o que faz com que, por dia, por hora e até, por minuto, possam sair as reportagens que forem necessárias e com o tamanho que o jornalista quiser. Esta liberdade de espaço e tempo é algo nunca antes explorado em qualquer meio de comunicação (BASTOS, 2000, p.58). Ora, acresce ainda o facto de que, na internet, a qualquer momento a informação pode ser atualizada, enquanto que uma reportagem de tv, cuja informação pode ficar rapidamente desatualizada, tem de refeita, com nova gravação de todo o seu OFF e, por vezes, ajuste nas imagens.

Por outro lado, a internet é agora o maior arquivo noticioso que existe, logo, depois de passar na televisão, todas as peças e reportagens vão parar a esse arquivo que é o mundo da web para estar disponível para qualquer pessoa, em qualquer lugar, em qualquer dia e a qualquer hora. Foi aqui que começou verdadeiramente a interligação entre estes dois meios de comunicação. Praticamente todos os canais de televisão tem um site associado onde se pode rever todas as peças que passam na televisão.

Nas redações televisivas é comum ver-se, nos dias de hoje, o departamento online. Mais do que setores separados, a televisão e a web criam conteúdos juntos. Por exemplo, mal chega a informação à produção de um acidente à redação, por telefone, o departamento online procura todas as informações básicas: tipo de veículos, hora do acidente, número de vítimas, local... Depois disto constrói a notícia, publica no site, partilha nas redes sociais e, também frequentemente, é acompanhada de uma frase que dá a convidar os expectadores a verem mais e saberem mais no próximo bloco noticioso, como “Veja mais no nosso jornal das 13h!”.

As redes sociais ajudam, normalmente, a publicitar notícias que passarão mais tarde no noticiário, bem como a promove-las depois de publicadas para que cada vez mais gente conheça o órgão de comunicação, aceda a ele e consuma as suas notícias.

“As empresas do ramo do jornalismo não ficaram indiferentes a esta nova realidade e viram na internet uma nova oportunidade para veicularem os seus conteúdos, tirando partido das potencialidades da publicação eletrónica na rede mundial de computadores, meio digital onde o próprio conceito de publicação assume um significado inteiramente novo, pois não há tinta nem papel em causa. Imagens e sons constroem-se

num espaço eletrónico etéreo, no qual os dados, sob a forma de bits, são infinitamente modificáveis, reproduzíveis, fluídos” (BASTOS, 2000, p.106)

Enquanto isso, a internet utiliza todo o conteúdo televisivo para si, uma vez que tem uma infinidade de espaço e tempo, nada é demais e nada fica de fora. Tudo o que não saiu na internet antes de sair na televisão, pode ir para lá depois, criando conteúdo, e ficando disponível para sempre e ao acesso de todos.

2. Porto Canal

2.1.Porto Canal - A empresa

29 de setembro de 2006, é a data que marca o início do Porto Canal, ou seja, festejou, em tempo de estágio, o seu décimo aniversário. Inicialmente, o canal portuense começou com o objetivo um pouco mais local, ou seja, de ser um canal informativo especificamente para concelhos do Grande Porto. Foi Pedro Carvalho da Silva, atual pivot do Porto Canal quem fez as honras e às 19h do dia 29 de setembro inaugurou o canal com o programa “Repórter da Cidade”.

Desde o seu início, o Porto Canal sempre contou com a parceria da empresa *Medialuso*, que fornece não só os materiais tecnológicos como os técnicos especializados para os operar.

Quando o canal tinha três anos de existência, ou seja, em 2009, deu o passo gigante para deixar de ser uma televisão local e passar a ser generalista, deixando de tratar apenas o Grande Porto e abrangendo toda a região norte do país. Para esta maior abrangência, o Porto Canal teve de abrir delegações em diversos pontos do norte de Portugal. Hoje a configuração é já um pouco diferente da inicial e ainda maior; existia, aquando do estágio, onze delegações onde o Porto Canal fazia cobertura jornalística, são elas: Grande Porto, Alto Minho, Braga/Cávado, Alto Tâmega, Trás-os-Montes, Guimarães/Ave, Tâmega e Sousa, Douro, Viseu/Dão Lafões, Terras de Santa Maria e Lisboa (ver anexo 1).

A 1 de agosto de 2011, o canal passa a ser gerido pelo Futebol Clube do Porto existindo a opção de compra ao fim de dois anos. Nessa altura foram introduzidos na programação do canal programas relativos ao clube desportivo.

Em janeiro de 2012 é apresentado o ainda diretor-geral do canal, Júlio Magalhães que entra em funções logo no primeiro dia de fevereiro do mesmo ano.

Em julho de 2015 o Futebol Clube do Porto adquire então o Porto Canal. É a partir daqui que o canal sofre alterações a nível qualitativo e tecnológico (som e imagem) e foi também renovado o logotipo do canal.

A programação do Porto Canal divide-se em Informação, Desporto, Entretenimento, Cultura e Bem-Estar.

O Porto Canal possui dois estúdios, sendo que um deles fica no Estádio do Dragão e o outro na Senhora da Hora, em Matosinhos. O estúdio do Dragão, localizado entre o estádio e o Dragão Caixa, é o local onde são emitidos a maioria dos programas de entretenimento e relacionados com o Universo FC Porto. O estúdio da Senhora da Hora

(local onde decorreu o estágio), em Matosinhos, é o centro de produção da sede do Porto Canal e é onde são emitidos a maioria dos programas de informação, nomeadamente os jornais (jornal das 13h, mundo local, jornal de desporto, jornal diário e último jornal). A par dos blocos informativos, também programas como o Consultório Médico, Sexo à Moda do Porto, as entrevistas de Júlio Magalhães, a Falar é que a Gente se Entende, entre outros, são normalmente gravados no estúdio da Senhora da Hora.

A direção do canal é composta pelo Diretor-Geral, Júlio Magalhães; a Diretora de Informação, Ana Guedes Rodrigues; a Coordenadora Executiva, Ana Rita Basto; a Coordenadora de Programas e Emissão, Mafalda Campos; o Diretor de Conteúdos de Informação, Paulo Ferreira; o Diretor de Conteúdos Desportivos, Rui Cerqueira; o Coordenador de Conteúdos Desportivos, Paulo Miguel Castro; a chefe de redação, Vanda Balieiro; o Coordenador de Conteúdos Online, André Arantes e a Direção Administrativa, Financeira e Técnica é da FC Porto Media.

2.2.Porto Canal – A experiência

O estágio curricular realizado no Porto Canal teve início a 19 de setembro de 2016 e terminou a 3 de fevereiro de 2017. Durante esse período, nós, as estagiárias, estivemos em três departamentos, sendo eles a agenda/produção de informação, o *online* e o jornalismo televisivo. Abaixo segue uma descrição mais pormenorizada das aprendizagens vividas em cada um dos departamentos bem como as maiores dificuldades.

É importante ainda referir que a chegada ao Porto Canal coincidiu com a semana do décimo aniversário e por isso a agitação era muita. O canal festejou de uma forma diferente e durante essa semana a emissão dos blocos informativos era feita no exterior dos estúdios, em diversas cidades do norte do país, coincidentes com as que pertencem à área de cobertura do canal.

2.2.1. Agenda/Produção de Informação

Este foi o departamento onde começamos a nossa aventura no Porto Canal mas foi também o departamento que nunca abandonamos porque além das quatro semanas que passamos exclusivamente lá, durante todo o estágio íamos dando uma ajuda nesse trabalho que os expectadores não vêem mas que é tão importante como o que passa na televisão.

Como foi na agenda/produção de informação o nosso primeiro contacto com o Porto Canal começamos por tarefas como fazer os Push-Ups, as rondas e tirar as aberturas. Passemos a explicar resumidamente em que consiste cada uma.

Os Push-Ups, gíria jornalística apreendida no Porto Canal, são as notícias resumidas que passam em rodapé durante os blocos informativos. Ora essas frases que resumiam as notícias eram resultado de leituras de jornais e de sites noticiosos, algo que fazíamos durante todo o dia, todos os dias. Alguns Push-Ups eram também resultados de ocorrências que tomávamos conhecimento nas rondas (que explicaremos mais à frente em que consistiam). Os Push-Ups eram divididos em três categorias: País, Mundo e Desporto. Existe uma tentativa para que os temas parecidos fiquem juntos, apesar de não ser uma regra. Durante o período do nosso estágio houve algumas alterações nos Push-Ups; inicialmente tinham um limite de 60 caracteres e quando passavam na televisão aparecia a frase completa e depois desaparecia, num ato quase de piscar só que com tempo suficiente para se ler, depois mudou o conceito e deixou de existir um limite, apesar de continuar a não poder ser enorme para não perder leitura, passou a ser escrito em maiúsculas e, na televisão, começou a passar a correr.

As rondas, feitas várias vezes durante o dia, consistem em telefonemas para as autoridades (Bombeiros, GNR, Capitania Marítima, entre outras) da região norte, que o Porto Canal cobre (ver anexo 1). Nesses telefonemas temos de perceber se existe alguma ocorrência com relevância para ser notícia. As rondas estavam compactadas num documento Excel na plataforma Google Drive e à qual tínhamos acesso através do email utilizado por todos os estagiários do canal. O documento tinha o nome da entidade, o número de telefone (por vezes também tinha o nome e número de alguém dessa entidade, como por exemplo comandantes e segundos comandantes dos bombeiros), as horas a que a ronda era feita, o nome de quem a estava a fazer, o local para colocar um X no caso da entidade atender ou um – no caso de não atender ao fim de três tentativas e uma parte reservada para as observações, ou seja, o local onde escrevíamos as informações que as entidades nos davas sobre as ocorrências (ver anexo 2). Existiam horas marcadas para as rondas, apesar de nem sempre serem fixas, uma vez que dependiam da disponibilidade e quantidade de pessoas que estivessem a executar a tarefa. Existia então duas rondas, a chamada Ronda Grande, executada às 10h00, 14h00 e 16h00 e a Ronda Pequena, ligeiramente mais curta, apenas com os contactos principais de cada região e executada às 8h00, 12h00, 16h00, 20h00 e 22h00. Normalmente a ronda era executada por duas pessoas, maioritariamente estagiários, e a estratégia mais adotada era um começar pelo

início e outro pelo fim, até se encontrarem algures no meio. A maior dificuldade deste trabalho era que as entidades nos dessem os pormenores sobre as ocorrências, algo que era bastante necessário para que os coordenadores a quem passávamos as informações decidissem a pertinência da mesma e também para facilitar o trabalho do jornalista destacado, por isso tentávamos logo recolher o máximo de informação, como número e estado dos feridos, entidades no local, morada, hora do incidente, saber se há pessoas ou habitações em perigo, entre muitas outras. Estas informações eram também, posteriormente, passadas ao departamento do Online para que a notícia fosse imediatamente escrita e colocada no site do canal televisivo.

O ato de tirar as aberturas consistia em fotografar com o telemóvel o ecrã das diferentes televisões do canal para captar as três primeiras notícias de cada bloco informativo das televisões generalistas (RTP, SIC e TVI). Ora este era um ato que se repetia todos os dias às 13h00 e às 20h00, salvo mudanças nos horários dos blocos informativos dos outros canais televisivos. Depois de fotografadas, as notícias eram redigidas num e-mail, separadas por canal e enviadas a toda a produção e coordenação do Porto Canal para que estes, responsáveis pelo alinhamento diário do canal, tivessem noção do que tinha tido maior destaque e sido noticiado primeiramente nos outros canais. Não esquecendo que a linha editorial do Porto Canal, por se focar no Norte do país acabava, por vezes, por se distanciar um pouco dos outros canais.

Outra das funções que tivemos enquanto estagiários neste departamento de agenda /produção de informação foi o agendamento de reportagens. Algumas vezes eram-nos dados directamente contactos pelas produtoras e pedido para agendar com pessoas específicas sobre certo tema. Outras vezes, eram-nos dadas as notícias, normalmente retiradas de outros órgãos de comunicação, e tínhamos de perceber com quem interessaria falar sobre aquele assunto, perguntar às produtoras se concordavam e então, depois, procurar os contactos necessários e agendar (ver anexo 3). Agendava-se data e local consoante um trabalho prévio de articulação e confirmação de disponibilidade entre os intervenientes na notícia e a equipa do Porto Canal.

Enquanto membros do departamento de agenda/produção de informação também nos cabia a função de “tratar” dos convidados, nomeada e maioritariamente, no programa “Mundo Local”. Recebíamos o alinhamento do programa no qual o convidado ia participar onde tinha também o seu nome e por vezes a sua função ou cargo (ver anexo 4). Íamos ter com os convidados à entrada, apresentávamo-nos, dávamos as boas-vindas, acompanhávamo-los à sala de caracterização e, posteriormente, ao estúdio. Também

tratávamos de trazer, encher e posicionar, não só os copos de água para os convidados, mas também para os pivots. No final da participação de cada convidado, acompanhávamo-lo para fora do estúdio, à sala de caracterização para se desmaquilharem, quando assim pretendido, e depois levávamos o convidado até à porta onde nos despedíamos e agradecíamos a sua presença.

Outros pequenos trabalhos foram executados e por muito redutores que pareçam agilizam e facilitam o trabalho numa redação, como tirar fotocópias, fazer digitalizações e atualizar bases de contactos de funcionários, por exemplo.

2.2.2. Online

Depois das quatro semanas no departamento da agenda e produção de informação, foi a vez de passarmos três semanas no departamento online. Neste departamento tínhamos como função escrever notícias para o site oficial do Porto Canal.

Antes de pertencermos a este departamento, ainda que apenas provisoriamente, não tínhamos muito ideia do trabalho que lá se passava, achávamos que como se tratava de uma estação televisiva, o departamento online era mais para a publicação dos conteúdos de entretenimento e publicidade, no entanto, enganamo-nos redondamente, o conteúdo noticioso do site é em grande quantidade e sempre muito atualizado.

O responsável do departamento online, André Arantes, mandava links com notícias importantes ou então mostrava-nos mesmo noutros suportes, como em jornais. Eram essas notícias que tínhamos de pesquisar, nos informar sobre os conteúdos, ligar às entidades envolvidas e reescrevê-las para o site. Depois de redigida a notícia, colocávamos uma imagem para pintar a mesma. Para não infringirmos a lei de direitos de autores, íamos a sítios específicos procurar imagens que pudessem ser usados para efeitos comerciais, apesar disso tínhamos cuidados especiais com rostos, por exemplo, em temas como infância, crianças ou idosos tentávamos usar imagens onde não se reconhecessem rostos. Os sites mais usados e recomendados pelo André Arantes eram o Pixabay e o Flickr. Em seguida, seleccionávamos o tema da notícia, ou seja, o separador para o qual a notícia iria no site, sendo que os separadores que existiam eram: Norte, Política, Economia, Mundo, País e Desporto. Apesar do conteúdo de cada categoria ser evidente, importa realçar que as notícias que entravam na categoria Norte, eram todas as que ocorressem nas localidades que o Porto Canal cobria, menos Lisboa (ver anexo 1). Colocávamos também as notícias associadas à que estávamos a escrever, quando existia,

por exemplo, nas três semanas em que estivemos no Departamento Online acompanhamos e escrevemos, várias vezes, sobre o caso de Pedro Dias, e sempre que escrevíamos uma nova notícia com um novo desenvolvimento, associávamos às escritas anteriormente, pois quem via aquela podia ter interesse em saber mais sobre o assunto.

Quando todos estes passos estavam concluídos, colocávamos a notícia no sistema, mas antes de publicada era corrigida pelo André que a aprovava ou nos dizia que alterações devíamos fazer antes que a mesma pudesse seguir para o site. Algumas das notícias eram ainda partilhadas no Facebook do canal.

Também podíamos sugerir notícias que achássemos importantes e se o André concordasse, escrevíamos essas. No nosso caso, como chegávamos sempre um pouco cedo ao canal, depois de ajudarmos a produção a fazer ou acabar uma ronda diária, começávamos a escrever uma notícia que nos parecesse importante. Quando o André chegava consultávamo-lo sobre a nossa escolha e, no caso de ser aceite, continuávamos o nosso trabalho. No caso de não ser aceite, parávamos e seguíamos para uma sugestão dele.

Quando estávamos a escrever uma notícia e aparecia uma situação de última hora, como um acidente ou um incêndio, por exemplo, parávamos de escrever a notícia que tínhamos em mão e só a terminávamos depois de fazer a notícia de última hora.

Todas as notícias escritas por mim foram assinadas com a sigla SYA. O S e o A, correspondentes ao meu nome pessoal (Sara Almeida) e o Y pois era a letra escolhida pelo canal para designar o termo “estagiário”.

Além de notícias também fazíamos os chamados Comentadores, que se tratava de escrever uma notícia baseada num comentário feito por uma personalidade num jornal do Porto Canal e acrescentar à notícia citações do mesmo.

Durante a nossa permanência no departamento Online escrevemos 120 notícias, de todas as temáticas existentes, desde comentadores, desporto, a política, economia, entre outros já anteriormente referidos. (ver anexo 5)

A nossa experiência no Online passou também por cortar programas de entretenimento em partes, ou tirar BOCAS. Alguns eram cortados por rubricas, como por exemplo o “Grandes Manhãs”, enquanto outros eram cortados por trechos interessantes, alguns mais pequenos, para uma partilha nas redes sociais, outros maiores, para serem colocados no site. Alguns dos programas onde tiramos BOCAS foram o “Azul ou Branco”, “Olá Maria”, “Caminhos da História” e “Cadeira de Sonho”.

Foi nesta fase que surgiu o interesse pelo tema do relatório, uma vez que deu para percebermos que apesar do Porto Canal se tratar de um canal televisivo, muitas notícias eram escritas e colocadas primeiro no site, e só mais tarde passavam na TV em forma de peça e eram posteriormente acrescentadas ao texto noticioso do site.

2.2.3. Jornalismo Televisivo

Depois de sete semanas no andar superior do canal, onde funcionava tanto a departamento Online como a Agenda, chegou o dia de descer de andar e juntarmo-nos aos jornalistas que faziam as peças e saíam em reportagem.

Os primeiros dois dias foram para ficar na redação sempre a observar o jornalista que estivesse como redator, que no nosso caso foi a Anabela Jacinto, para aprender a trabalhar com o programa de edição, mas também para aprender a colocar as peças no sistema e a ir procurar ao arquivo imagens para pintar certas peças ou fazer offs. O jornalista redator ficava no canal, não saía em reportagem a menos que fosse uma situação de última hora, e fazia as peças de redação, aquelas para as quais não era preciso sair para o terreno, que se baseavam em dados ou que eram fundamentadas com alguma chamada.

Depois de dois dias a observar e a apontar tudo, chegou a hora de acompanhar jornalistas que fossem para a rua. Acompanhamos jornalistas em diversas situações, mas a primeira tratou-se de uns adolescentes que tinham sido detidos por posse e venda de droga junto a umas escolas dos Carvalhos, em Vila Nova de Gaia, nesse caso fomos acompanhar a jornalista Daniela Assunção. Ao chegar à redação vimos a Daniela a montar toda a reportagem para dar no jornal das 13h. Nessa tarde dedicamo-nos a escrever um texto nosso e a montar a peça à nossa maneira, no entanto, logo percebemos que depois de vermos outra pessoa a trabalhar aquele material, é muito difícil distanciarmo-nos do que ela tinha feito; ainda assim, fizemos a nossa versão da notícia. Gravamos o texto que tínhamos escrito e montamos tudo numa reportagem. Falamos com a Vanda Balieiro, chefe de redação, para que quando pudesse ver e para apontar os erros nos dizer, uma vez que a Alexandra Costa Martins, nossa orientadora, estava de férias. Os dias que se seguiram foram de treino com offs que foram sendo aprovados pelos jornalistas mais experientes e começaram rapidamente a ir para o ar. Também os estagiários que estavam no canal há mais tempo foram ajudando, dando dicas e mostrando melhor como funcionavam os programas porque os jornalistas estavam ocupados demais para isso. Uns dois ou três dias depois a Vanda Balieiro viu a nossa peça e apontou os pontos menos

positivos que se centravam no texto demasiado complexo, e que ela dizia ser mais apropriado para imprensa do que para televisão, a voz excessivamente colocada, parecendo até grave e masculina demais e, o mais difícil de controlar de todos, o sotaque nortenho.

Ao longo dos meses que ainda nos faltavam fomos tentando melhorar sempre estes pontos que nos foram apontados. No entanto, nem sempre era fácil. O canal não tinha um grande número de computadores e durante grande parte do dia não havia computadores disponíveis para todos os jornalistas e estagiários. Muitas foram as vezes que os estagiários tiveram de ceder os computadores aos jornalistas que tinham peças para acabar a tempo dos jornais e muitas foram, também, as vezes que os estagiários tinham de estar dois a dois ou três a três num computador. Apesar de isso dificultar o treino íamos ajustando-nos. Partilhamos quase sempre computador com a Sara Marques, porque já nos conhecíamos das aulas e tínhamos algumas dificuldades que coincidiam, como o sotaque. Milhares foram as vezes que fui para a sala de sonorização, sozinha, com a Sara Marques ou mesmo com os jornalistas, para gravar e regravar offs, numa tentativa de melhorar a colocação de voz e, principalmente, o sotaque que todos nos apontavam como pior defeito.

Apesar das grandes dificuldades na sonorização das peças, a parte da edição foi relativamente simples e rápida de aprender e, por isso, não demorou muito até que começamos a montar uma peça que saía diariamente no Jornal das 13h e no Jornal Diário, a Síntese Internacional. O processo para fazer a síntese passava por seis processos: a escolha dos temas, construção do texto, aprovação dos textos, sonorização, edição e correção. O processo de escolha dos temas era relativamente simples, quem estivesse destinado a fazer a síntese internacional nesse dia, procurava as notícias internacionais de maior relevo nessa manhã/tarde. Por vezes repetia-se o tema da síntese do Jornal das 13h no Jornal Diário se o tópico continuasse a ser o mais importante do dia, e com novas atualizações, por exemplo, em número de mortos ou feridos. Depois de separar os principais assuntos internacionais, tínhamos de nos dirigir a um coordenador e mostrar-lhe, sendo que era ele quem escolhia os três ou quatro mais pertinentes e que seriam o corpo da síntese internacional. Seguia-se a construção do texto, que tinha de ser curto e direto, uma vez que a síntese internacional tinha de ter por volta de dois minutos. Escrito o texto, era hora de regressar à beira de um dos coordenadores para que ele o corrigisse. Seguia-se a sonorização da síntese, que no caso dos estagiários autorizados era feita por eles mesmo, já os não autorizados, como era o nosso caso, tinham de pedir a um jornalista

que tivesse tempo para lhe sonorizar a síntese. Este processo nem sempre era muito fácil uma vez que cada um escreve a pensar na sua forma de sonorizar e o que funciona na voz e respiração de um pode não funcionar na voz e respiração de outros, por isso, era frequente os jornalistas terem de alterar um pouco o texto para se enquadrar no seu registo. O quinto processo era o da edição, que no caso da Síntese Internacional não era nada simples, devido à grande dificuldade em conseguir imagens. A procura de imagens passava, maioritariamente, pelo youtube e, quase sempre, acabávamos por recolher imagens de canais locais ou internacionais. Outro dos grandes problemas era a qualidade das imagens, por vezes era muito fraca e proveniente de vídeos amadores. O Brexit foi um assunto muito tratado em Sínteses Internacionais durante os meses que passamos no departamento do jornalismo televisivo, mas houve outros casos bem mediáticos que também foram conteúdos para a síntese durante vários dias como a queda do avião que transportava a equipa do Chapecoense. Depois de seleccionadas as imagens, a edição era simples, como em qualquer outro off2 ou peça. Quando estava terminada a edição e a Síntese estava pronta a ser exportada, era hora de chamar um coordenador para ver se estava tudo bem, mas, maioritariamente, o coordenador pedia para ser um jornalista a ver pois já estava próxima a hora do jornal e os coordenadores estavam sempre um pouco mais atarefados. A síntese internacional era quase sempre feita por estagiários, no entanto, havia questões que, mesmo para os jornalistas, não eram consensuais, como, por exemplo, o som ambiente. Alguns jornalistas eram a favor da síntese internacional ter som ambiente, mas muito baixinho, já outros, achavam que a síntese não devia ter som ambiente por este ser, maioritariamente, vozes de jornalistas internacionais.

Entretanto, continuávamos não só a esforçar-nos para melhorar a sonorização das peças como a acompanhar jornalistas para aprender mais no terreno. Todos os dias pedíamos a um jornalista para ir connosco à sala de sonorização, pedíamos dicas para melhorar e pouco-a-pouco, fomos sentindo mais à vontade e a nossa voz foi-se normalizando. A colocação ficou no ponto que nós gostávamos dela, forte mas não demasiado grossa e masculina. No entanto, o sotaque, esse, continuava lá e muitos eram os truques para tentar acabar com ele, até chegámos a escrever mal as palavras para ler como se escrevia.

Como um dos nossos pontos negativos também era a escrita demasiado elaborada para televisão, um exercício que fazíamos muitas vezes, principalmente com a nossa orientadora, a jornalista e pivot, Alexandra Costa Martins, era transformar notícias de jornal ou mesmo no site online para texto televisivo. Também fizemos isso muitas vezes

por e-mail para a Vanda Balieiro, em casa escolhíamos notícias de vários temas e enviávamos-lhe o texto original e a nossa versão para tv. Ela disse-nos várias vezes que se notou imensas diferenças nos nossos textos diários para as Sínteses Internacionais depois de termos começado a fazer esse exercício.

Outra das coisas que fizemos, que achamos das mais fascinantes, durante o nosso período no Porto Canal, foi a legendagem de um telefonema. Quando vemos um telefonema legendado na televisão parece-nos relativamente simples, no entanto, é bem mais complexo do que parece. O mais difícil é sincronizar o tempo, ou seja, aparecer o texto com o que a pessoa diz, exatamente quando ela o diz. É um processo muito demorado e que nós fizemos uma vez para uma peça doutra jornalista. Legendamos num computador enquanto ela fazia a restante edição noutro, para que a peça estivesse pronta a tempo do bloco noticioso.

Antes do natal uns dias, saímos, pela primeira vez, sozinhas para uma reportagem. Tratava-se de uma mostra de produtos tradicionais de Marco de Canaveses, intitulada MarcoNatal. Íamos assustadas, mas quando chegamos ao local da reportagem ficamos mais calmas. Entrevistamos quem achamos que tínhamos de entrevistar e depois ficamos apenas à espera que o repórter de imagem acabasse o seu trabalho. De volta à redação e em conversa com uma jornalista presente, fomos logo percebendo quais tinham sido os principais erros, que passaram pelo facto de termos entrevistado duas pessoas do mesmo executivo, ainda assim, conseguimos aproveitar BOCAS dos dois intervenientes em assuntos diferentes. Editamos toda a peça e sonorizamos o nosso texto que foi corrigido por um coordenador durante esse fim de semana. Na segunda-feira mostramos a peça à nossa orientadora e ela aprovou, dizendo que a nossa voz tinha melhorado imenso e o nosso sotaque também. A peça foi para o ar, passou no Mundo Local, com a nossa voz e a nossa edição, foi talvez dos momentos mais gratificantes que tivemos no canal.

Entretanto, e devido às melhorias apontadas pela Alexandra Costa Martins, começamos a sonorizar as nossas próprias Sínteses Internacionais. Não deixamos, no entanto, de ir treinar sonorizações todas as tardes, levando connosco todos os jornalistas que tivessem 10 minutos livres e assistindo a todos os jornalistas a sonorizar as suas reportagens.

No entanto, cerca de uma semana depois de estarmos a sonorizar peças que passavam nos diferentes jornais, a Vanda Balieiro veio dizer-nos que ámos parar de o fazer pois a nossa voz ainda não preenchia o padrão do Porto Canal e ainda tinha um

sotaque nortenho muito intenso. Ficamos desoladas, mas continuámos a trabalhar para melhorar a voz e o sotaque.

Sáimos mais algumas vezes sozinhas da redação, para fazer uma peça sobre viagens de ano novo que implicou um vox pop nas ruas do Porto, foi uma experiência ótima e uma aprendizagem muito grande sobre a forma como se deve abordar alguém na rua quando temos uma máquina de filmar ao nosso lado e um microfone na mão; outra das reportagem em que fomos para o terreno sozinhas foi sobre as janeiras que as crianças de Matosinhos cantam no Dia de Reis na câmara municipal, o que também nos deu novas aprendizagens, uma vez que a maior parte do público entrevistado foi infantil, deu para sentir a sua espontaneidade; e, a última, aconteceu poucos dias antes do nosso estágio terminar, foi sobre a Feira do Fumeiro de Vinhais e num ambiente muito parecido à nossa primeira peça, ou seja, muito parecida e no mesmo local onde tínhamos ido fazer o MarcoNatal, a mostra de produtos de Marco de Canaveses. Todas elas, bem como todas as nossas outras sínteses internacionais, foram sonorizadas por outros jornalistas, apesar de nos terem sido apontadas, também até ao último dia, grandes melhorias em termos de sotaque.

2.2.4. Apreciação geral da minha experiência no Porto Canal

No geral a nossa experiência no Porto Canal foi boa.

Tudo o que aprendemos sobre edição foi lá, uma vez que nunca tínhamos aberto sequer o *première* na vida. Todos os comandos, desde o mais simples como é o caso do *i* e do *o*, para seleccionar a parte a cortar, até ao mais complicado, como mexer em *audio gains*, dar um *speed* na imagem ou colocar legendas, foi tudo aprendido nos cerca de três meses que passeamos no, carinhosamente apelidade, “andar de baixo” do Porto Canal, perto de imensos jornalistas incríveis, jovens e com muita paciência para ensinar aqueles que, como nós, não percebiam nada de edição.

Conhecemos pessoas fantásticas, que nos ensinaram muito sobre jornalismo, que vivem o jornalismo de forma muito intensa e ativa. Pessoas que nos fizeram acreditar que qualquer pessoa pode ser jornalista, que qualquer voz pode ser certa para televisão e que qualquer pessoa é correta para televisão, independentemente dos padrões de beleza estipulados pela sociedade.

Aprendemos muito sobre como nos desenrascar no terreno, mesmo quando as condições não são aquelas que estávamos à espera, quando há atrasos, nossos ou das

outras pessoas. Aprendemos a fazer o caminho de regresso do local da reportagem até à redação a esquematizar a peça, e até mesmo a escrever parte do off. Aprendemos a olhar para a nossa volta numa reportagem e já idealizar o que fica bem no início e fim da peça. Aprendemos a pegar no que temos nas imagens para fazer trocadilhos com as palavras. Aprendemos que os *pelos* e *pelas* têm de soar a *p'lo* e *p'la* (graças ao Óscar), e também ficamos a saber que dizemos terrivelmente mal a palavra *passageiros* (mas a Sara Freitas passou um dia a tentar fazer com que o disséssemos bem). Também descobrimos que temos um grave problema de dicção com a letra *l* e sobretudo aprendemos a rir-nos desse problema. Aprendemos muito jornalismo, aliás, aprendemos tudo o que sabemos de jornalismo naquela casa.

Mas nem tudo foram coisas boas.

Também percebemos que os coordenadores não têm tempo para estar a ajudar e supervisionar o trabalho dos estagiários. Percebemos que os jornalistas, além de também não terem muito tempo para isso, não o querem fazer, pois não o consideram sua responsabilidade. Percebemos que quando um estagiário é naturalmente bom é bem integrado, mas quando tem uma dificuldade é quase que posto de parte, as suas tentativas não são bem acompanhadas e não há tempo para ver se ele teve uma evolução, classificando-o com base na primeira vez que o vimos ou ouvimos e ele foi “mau”.

Mas o bom da experiência deu-nos tanto que as partes más acabam por ser uma ínfima parte dos nossos cinco meses de Porto Canal.

3. Temática em Análise

A temática a ser aprofundada neste relatório de estágio é as migrações de informação entre Tv e Online num canal de televisão, mais especificamente, no Porto Canal, local onde se efetivou o estágio curricular.

A temática prende-se com facto de, ao longo do estágio, termos percebido que os jornais, qualquer um deles, fosse o Jornal das 13h, Jornal Diário ou Último Jornal, têm o tempo contado. Como tudo na televisão, aliás, é programado ao segundo, envolve outros programas, publicidades, e a extensão de um minuto no noticiário pode afetar toda a programação diária do canal. Assisti por duas ou três vezes à emissão de um jornal a partir da *régie* e vi muitas vezes peças a terem de “cair”, como se diz na gíria televisiva, ou seja, a não passarem como estava programado por questões de tempo. No Mundo Local era habitua “caírem” várias peças, consoante o tempo a mais que gastasse a entrevista de estúdio, algo que é sempre mais difícil de controlar.

Também na origem da escolha da minha temática está o facto de ter passado algum tempo do meu estágio no departamento Online e ter percebido que algumas notícias saem imediatamente no suporte digital do canal e são, posteriormente, lançadas no formato televisão. Por exemplo, no caso de um acidente rodoviário onde existissem vítimas mortais, o jornalista saía para o local, entretanto, o departamento online já entrava em contacto com as autoridades presentes, assimilava o grosso dos factos, escrevia a notícia e publicava. Depois, o jornalista que tinha ido ao local, voltava, editava a peça e esta saía no noticiário mais próximo, sendo que, quando isso acontecia, a notícia já estava à muito tempo publicada no site. Posteriormente à exibição na televisão, a reportagem televisiva era devidamente agregada à notícia online. As notícias que saem em primeira mão no suporte televisivo também são, posteriormente, colocadas no site de forma a ficarem disponíveis a qualquer hora para qualquer pessoa.

A tentativa aqui é de perceber o peso que a plataforma online tem em quantidade de notícias que exhibe, uma vez que se trata, essencialmente, de um canal de televisão.

Para esta investigação separámos as notícias que tinham sido publicadas entre o dia 8 e 21 de maio de 2017, o que contabilizou um total de 1308. O procedimento de análise foi colocar o número de cada notícia a seguir ao endereço básico (<http://portocanal.sapo.pt/noticia/122977>) repetindo-o 1308 vezes. Ao mesmo tempo tínhamos um documento de excel onde apontávamos os dados de cada variável em análise. Ou seja, abríamos o *site* e por cada notícia respondíamos às perguntas necessárias

para a posterior construção dos gráficos: se tinha ou não vídeo, se o mesmo tinha sido colocado antes ou depois do texto noticioso, qual era a editoria e, por fim, quem era o autor do texto. Seguiu-se a fase de tratamento de dados com a construção de tabelas que deram, mais tarde, origem aos gráficos abaixo analisados.

3.1. Análise de Dados

3.1.1. Comparação dos modelos audiovisuais no Online

Em tom de contextualização do tema por nós analisado, demonstraremos, recorrendo ao auxílio de imagens retiradas do site oficial do Porto Canal, a diferença entre uma notícia escrita anteriormente à publicação da reportagem audiovisual do mesmo tema e a situação inversa.



Figura 1. Texto noticioso após publicação de reportagem audiovisual

O caso visível na figura 1 representa a situação primeiramente descrita em que é colocada a reportagem audiovisual em primeiro lugar e, só depois, acrescentado um

pequeno texto noticioso que resume o conteúdo apresentado em vídeo. A editoria encontra-se abaixo do vídeo, ao lado da data e da hora a que foi publicado.

Francisco chegou à Base de Monte Real às 16:10



12-05-2017 16:11 | País
Porto Canal com Lusa

Be the first of your friends to like this.

O avião da Alitalia com o papa Francisco e a sua comitiva aterrou hoje na Base Aérea de Monte Real, às 16:10, vindo de Roma, para iniciar uma visita a Fátima que irá durar menos de 24 horas.

Nesse momento, os milhares de peregrinos que se encontravam no santuário de Fátima, e assistiram à chegada do papa através de ecrãs gigantes, bateram palmas.

A aguardar o pontífice, na base, está o Presidente da República, o primeiro-ministro, e o presidente da Assembleia da República, além do Núncio Apostólico, Rino Passigato, do presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, Manuel Clemente, e do bispo da Diocese de Leiria, António Marto.

O papa tem encontros previstos com o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, logo à chegada à Base Aérea n.º 5, e com o primeiro-ministro, António Costa, no sábado.

O papa estará hoje e sábado em Fátima para celebrar o centenário das "aparições" de 13 de maio de 1917 e para canonizar os beatos Francisco e Jacinta Marto.

Francisco é o quarto papa a visitar Fátima. Os anteriores papas que estiveram em Fátima, o maior templo mariano do país, foram Paulo VI (1967), João Paulo II (1982, 1991, 2000) e Bento XVI (2010).

O Airbus Alitalia partiu hoje do aeroporto de Fiumicino, perto de Roma, às 14:12 locais (13:12, hora de Lisboa).

Figura 2. Notícia da LUSA publicada antes da realização da reportagem audiovisual

O caso representado na figura 2 retrata, contrariamente ao exemplo apresentado na imagem anterior, uma situação em que a notícia, enviada pela Agência de Comunicação LUSA, foi publicada em www.portocanal.sapo.pt antes de ser efetuada a reportagem no terreno. A vertente audiovisual da temática foi posteriormente anexada à vertente texto já existente. É possível identificar a agência LUSA como fonte desta notícia pela referida parceria abaixo do vídeo, data e hora de publicação.



Figura 3. Notícia do Porto Canal publicada antes da realização da reportagem audiovisual

À semelhança da figura 2, a figura 3 representa, também, um caso em que a reportagem audiovisual é anexada posteriormente à publicação do texto noticioso. A diferença encontra-se, apenas, na fonte da notícia, sendo, neste caso, da autoria de um estagiário do Porto Canal, representado pela letra Y entre as iniciais do seu nome (A e R), comprovável, na imagem, abaixo do vídeo, data e hora da publicação.

Em tom de conclusão, ao comparar os três exemplos, podemos afirmar que a grande diferença se centra na discrepância de tamanhos da vertente textual das notícias, sendo que as posteriores ao vídeo são sempre mais curtas e em jeito apenas de descrição, enquanto na situação oposta se verifica uma maior extensão do conteúdo noticioso, bem como, uma maior teor informativo sobre a temática em discussão.

3.1.2. Análise das variáveis quantitativas

O universo de análise tido em conta foram todas as notícias publicadas em www.portocanal.sapo.pt entre o dia 8 de maio e o dia 21 do mesmo mês, do ano de 2017. A data indicada refere-se ao mesmo ano em que se realizou o estágio, mas posterior ao término do mesmo. Esta especificidade foi propositada para impedir a possível análise de textos e notícias próprias ou de colegas.

Ao todo, nos 15 dias que se refere ao espaço temporal da análise foram publicadas 1308 notícias.

Uma a uma, para as 1308, analisamos as diferentes variáveis: se continha ou não vídeo; se o vídeo, no caso de existir, tinha sido colocado antes ou depois do texto/notícia; a editoria e, por fim, quem tinha redigido as notícias.

Das 1308 notícias, duas delas já não se encontram disponíveis no site e então foram clarificadas de “Nulo” em todas as variáveis de análise. Trata-se, no entanto, de um valor muito pouco significativo no universo total da análise.

A primeira pergunta da nossa investigação era sobre o peso das reportagens em vídeo no site no Porto Canal. Para analisar esta variável, começamos por ver quantas das 1308 notícias tinham vídeo e o que isso representaria em percentagem.

Ao todo, e desconsiderando as duas notícias acima referidas que já não se encontram disponíveis no site e uma vez que o seu valor, em percentagem, representa apenas 0,15% ; entre 8 e 21 de maio de 2017, apenas 14% das notícias publicadas no site oficial do canal televisivo tinham vídeo, contra uns esmagadores 86% de notícias apenas em texto ou, por vezes, com o apoio de um fotografia.



Gráfico 1. Presença ou não de vídeo nos conteúdos noticiosos do site

Seguiu-se a investigação tentando decifrar-se se os vídeos eram maioritariamente colocados antes ou depois do texto/notícia. Confirmando a lógica do gráfico anterior, 86% dos casos foram classificados como “Não se aplica”, uma vez que dizem respeito aos mesmos 86% de notícias referidas acima como não tendo presença de vídeo. Ainda assim, considerando esses casos, sobravam 12% para as situações em que primeiro era colocado o vídeo e só posteriormente era escrita a notícia, ou, na maioria das vezes, apenas uma descrição do vídeo; 2% foi o valor atribuído aos 29 casos em que a notícia foi colocada online e só mais tarde a reportagem em vídeo foi adicionada ao site do Porto Canal.

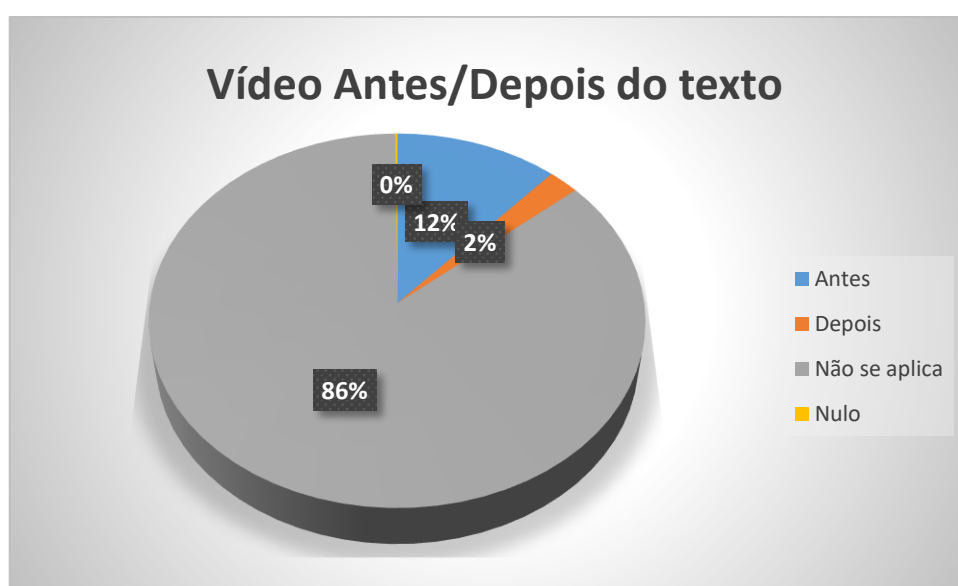


Gráfico 2. Identificação do momento de publicação do conteúdo audiovisual

Não obstante o gráfico anterior, achamos necessária uma análise, desconsiderando, não só as duas notícias tidas como nulas por já não se encontrarem online, mas também os casos em que a presença de vídeo não era aplicável. Assim, analisamos a percentagem de notícias em que os vídeos foram colocados antes ou depois do texto, apenas nas 180 que, inicialmente, foram separadas pela presença de vídeo. Resumindo, se analisarmos apenas as notícias que contêm vídeo, os 2% anteriores, representativos dos vídeos colocados depois do texto, passam para uns, mais expressivos, 16%, enquanto que a percentagem dos vídeos colocados antes do texto, mudam de 12% para uns significativos 84%.

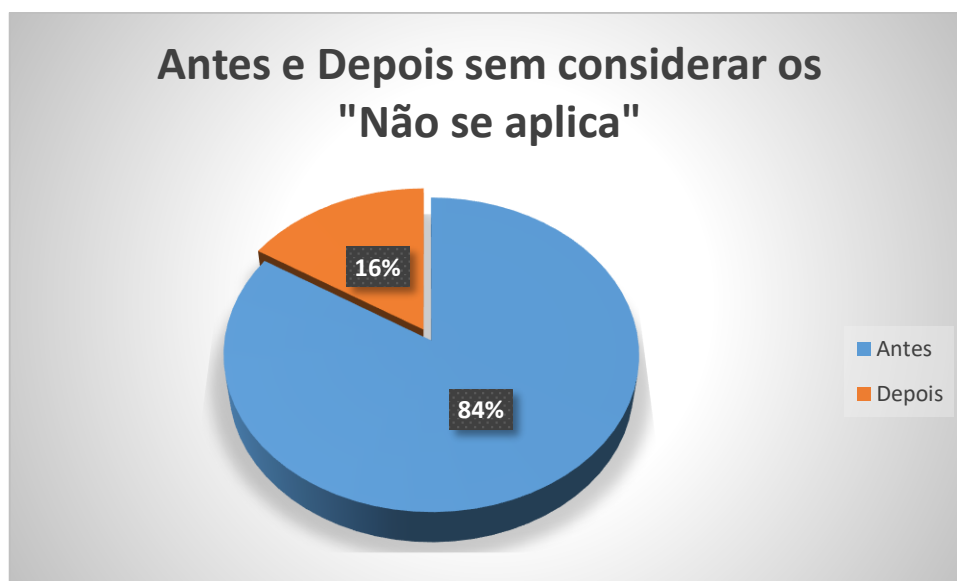


Gráfico 3. Identificação do momento de publicação do conteúdo audiovisual, com restrição aos que possuem efetivamente a vertente vídeo

Não menos importante foi perceber quais as editorias mais presentes ao longo das duas semanas de análise. Divididas em seis categorias, as editorias presentes no site do Porto Canal são: Norte, Política, Economia, Mundo, País e Desporto.

O total de 1308 notícias contém duas cujas categorias não se podem averiguar por já não estarem disponíveis para consulta, representadas assim pelo “Nulo” no gráfico de barras abaixo. Foi a categoria “País” que mais se evidenciou entre 8 e 21 de maio de 2017, seguida da editoria “Mundo”, num ano em que Trump tomou conta dos EUA. Economia aparece em terceiro lugar no esquema do site do Porto Canal e foi também a terceira editoria com mais notícias na quinzena em análise, com um total de 209 em 1309. “Norte” e “Política” andaram taco a taco, uma vez que apresentam apenas diferença de uma notícia entre si. “Deporto” aparece, curiosamente, como a editoria com menos notícias publicadas no site do canal, uma vez que o Porto Canal ainda é, maioritariamente, assumido pela sociedade, como um canal meramente desportivo devido à sua ligação ao Futebol Clube do Porto.

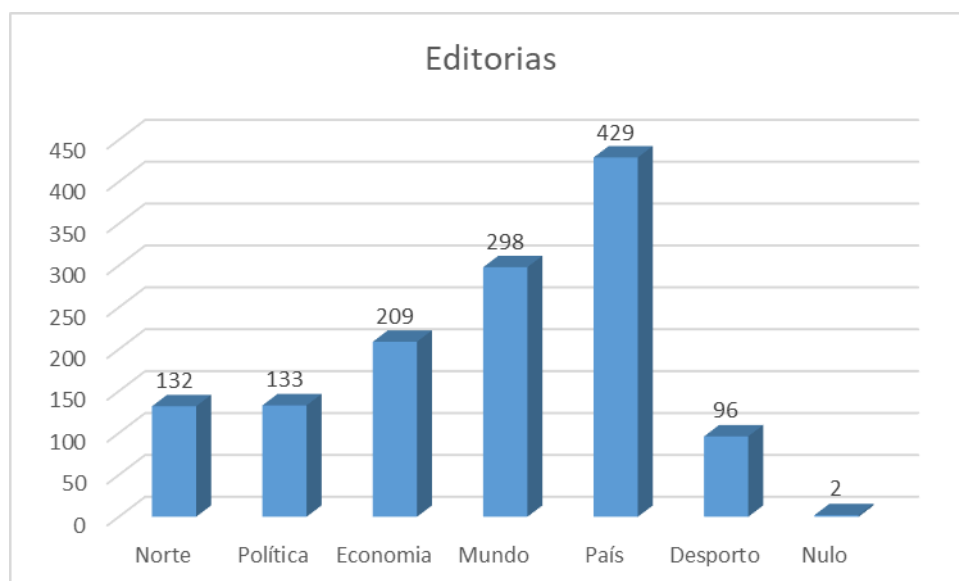


Gráfico 4. Identificação das editorias mais presentes nas publicações do Porto Canal Online, entre 8 e 21 de maio de 2017

É, no entanto, na variável que dá conta da autoria das notícias publicadas que os valores apresentam uma maior discrepância. O Porto Canal, estando aqui incluídos todos os funcionários da redação, desde os responsáveis pelo departamento online aos estagiários, e até mesmo considerando os repórteres autores das peças que são colocadas apenas com uma descrição no site, representam apenas a autoria de 14% das notícias publicadas entre 8 e 21 de maio de 2017. Os conteúdos que partem do Futebol Clube do Porto são pouco significativos, representando apenas 1% dos casos, e as duas notícias nulas de que temos vindo a falar, representa, como em vindo a ser repetido, um valor demasiado irrisório. É à Agência de Comunicação LUSA que pertence a autoria da esmagadora parte das notícias publicadas no site do Porto Canal, representando uns expressivos 85%.

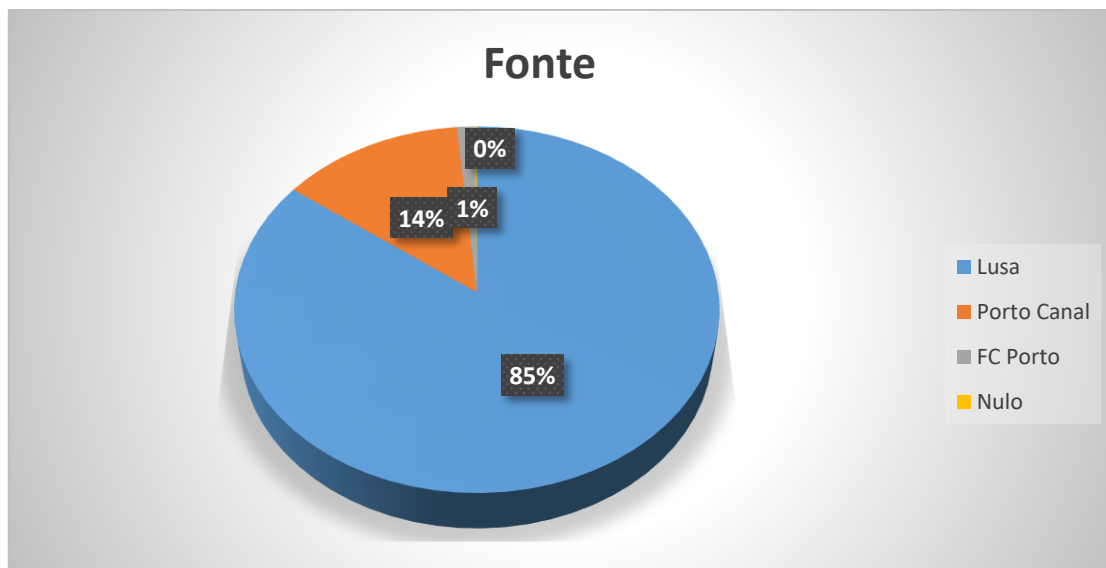


Gráfico 5. Identificação da origem do conteúdo noticioso

No seguimento da investigação, achámos enriquecedor ao presente relatório, analisar com mais atenção os 29 casos representativos das reportagens cujo suporte audiovisual foi publicado posteriormente ao texto noticioso, uma vez que era este o ponto central da nossa pesquisa.

Especificamente na vertente das editorias, confirmou-se que nem todas fazem parte deste universo de análise. Nos 29 casos estudados, a editoria “Mundo” não apresenta qualquer evidência, sendo que a expressividade das variantes de “Política”, “Desporto” e “Economia” é, também ela, muito pouco representativa. Contrariando estas variantes, as editorias “Norte” e “País” ganham destaque, revelando-se como assuntos centrais em tratamento nos casos apresentados. É, no entanto, impossível definir qual terá um maior peso, uma vez que se revelaram com uma igual incidência no estudo efetuado.

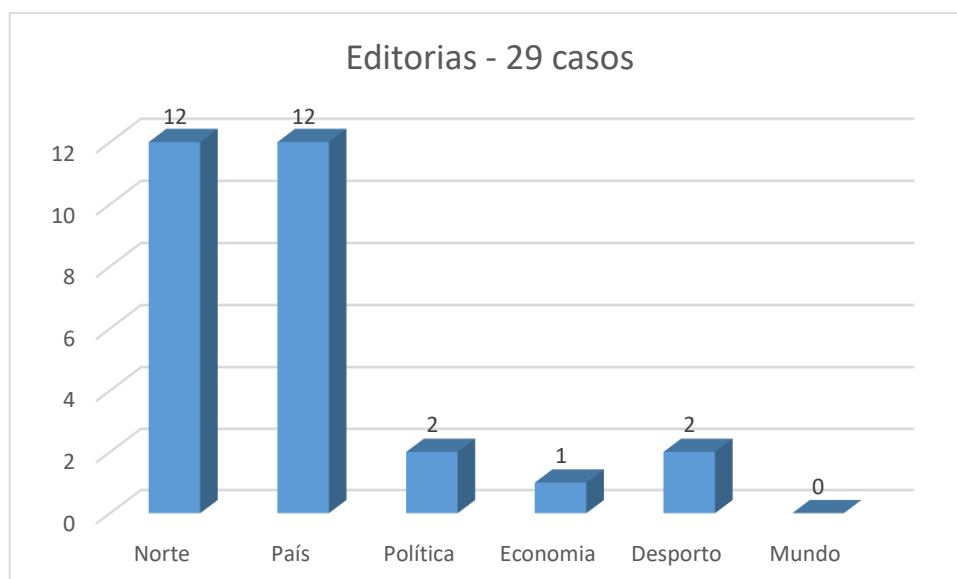


Gráfico 6. Identificação das editorias nos 29 casos em que o vídeo foi posterior à publicação do texto

Por sua vez, a variável ‘Fonte’ já apresenta uma maior discrepância entre os dados em análise. Seguindo a lógica do gráfico 5, acima apresentado, mas restringindo-nos aos 29 casos onde a publicação audiovisual é posterior ao texto, a fonte com maior incidência na autoria dos mesmos, revelou-se, com 66%, a Agência de Comunicação LUSA, em detrimento do próprio detentor da patente, Porto Canal, que apresentou apenas 34% das publicações.

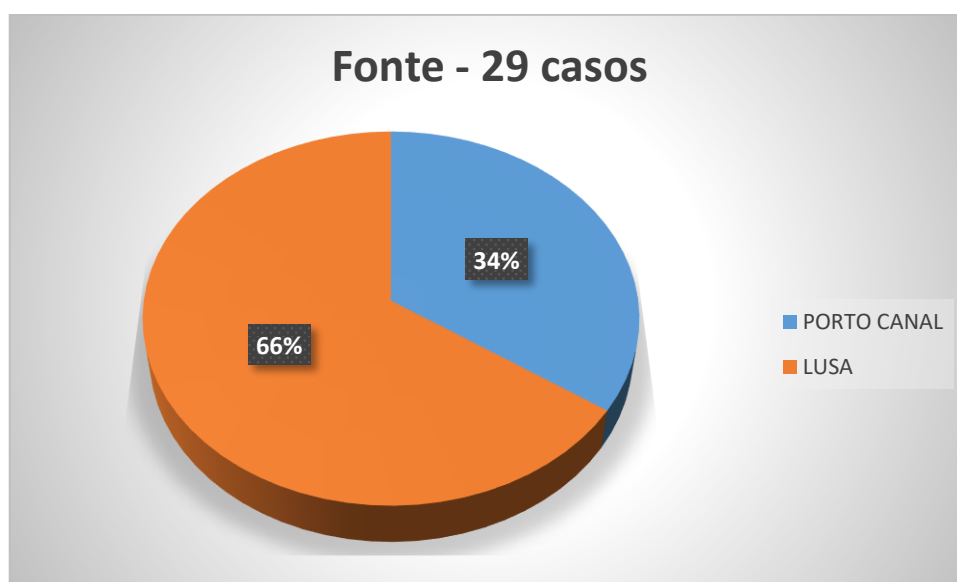


Gráfico 7. Identificação da fonte nos 29 casos em que o vídeo foi posterior à publicação do texto

3.1.3. Confirmação ou refutação das hipóteses de trabalho

À data de início deste relatório, tínhamos ideias pré-concebidas no que dizia respeito aos possíveis resultados que poderíamos obter com esta investigação, resultantes do nosso trabalho em campo, ao longo de um período de cinco meses, na redação do Porto Canal, onde nos deparávamos diariamente com estes casos.

No seguimento da nossa pesquisa, deparamo-nos com resultados opostos aos expectáveis, o que levou à refutação de algumas das nossas hipóteses iniciais de trabalho.





“O site de um canal televisivo, no caso o Porto Canal, tem uma grande importância no que diz respeito à quantidade de informação que presta”	
“O site do Porto Canal dá muitas vezes a notícia antes da vertente televisiva”	
“A editoria Norte é a que mais migração entre TV/online apresenta”	
“A maioria das notícias, cuja vertente vídeo é posterior ao texto no Porto Canal, são escritas por jornalistas da casa”	

Figura 4. Imagem representativa da refutação ou confirmação das hipóteses de trabalho

A nossa primeira hipótese de trabalho surgiu da pergunta “Será que o número de notícias que sai diariamente no site é significativo tendo em conta o número de notícias que passa num noticiário?”; e passava, assim, por perceber que peso tinha o *site* do Porto Canal em termos de quantidade de informação prestada pelo mesmo, no período, já apresentado, de 8 a 21 de maio de 2017. Uma vez que, nas duas semanas referidas, o espaço online do Porto Canal procedeu à publicação de mais de 1300 notícias, podemos considerar a hipótese confirmada, baseando-nos numa média diária de mais de 90 notícias apresentadas ao público; valores não comparáveis, por exemplo, aos de um noticiário.

No seguimento da nossa análise, levantamos a possibilidade de averiguar se as publicações da vertente online do Porto Canal seriam ou não publicadas anteriormente às reportagens televisivas nos seus noticiários através da pergunta “Será que é frequente o site do Porto Canal dar as notícias antes da vertente televisiva?”. Esta hipótese revelou-se possível de refutar, uma vez que os dados do gráfico 1 mostram a pouca incidência de

reportagens com auxílio a vídeo, informação realçada no gráfico 2, que dá conta, dentro deste exemplo, da escassez de reportagens que anteviram às edições televisivas.

Da pergunta “Um vez que se trata de um canal regional, será que é a editoria Norte aquela onde mais vezes acontece esta situação de migração de informação?” e no nicho das 29 reportagens, por nós delimitadas, em que a publicação do conteúdo audiovisual se revelou posterior ao texto, contrariamente ao que por nós foi apresentado inicialmente como hipótese, a editoria “Norte” não se manifestou como a mais evidente. O gráfico 6, servindo de apoio a esta conclusão, deu conta que a editoria “País” apresenta a mesma percentagem que a editoria “Norte” que, em simultâneo, representam as maiores migrações entre TV e Online, contrapondo a nossa afirmação primária do assunto.

Para finalizar, deparamo-nos com uma grande afluência de conteúdo noticioso proveniente da Agência de Comunicação LUSA, em detrimento daquele redigido pelos jornalistas da casa, refutando o nosso pensamento inicial, resultante da questão “Será que a maioria das notícias que saem primeiro no site e só posteriormente no canal, são escritas pelos jornalistas da casa?”, em que considerávamos que seria deles a maioria das notícias cuja vertente de vídeo era posterior à escrita do texto noticioso.

Em termo de conclusão da análise, foi importante para a investigação a refuta destas questões, que se manifestaram diferentes daquelas que havíamos idealizado na nossa breve passagem pelo local alvo deste estudo. Foi importante desmistificar algumas ideias pré-concebidas à qual dificilmente teríamos acesso sem um estudo mais aprofundado.

Pistas Conclusivas

No decorrer de um longo percurso de recolha de informação, em prol da investigação por nós levada a cabo para a conclusão deste relatório, deparamo-nos com alguns cenários contrários aos inicialmente imaginados e apontados como hipóteses a serem confirmadas por este mesmo relatório. Contrariamente ao esperado, adquirimos a informação necessária que nos permitiu refutar três das quatro hipóteses inicialmente estipuladas neste trabalho.

Essa refutação só foi possível através da aquisição, cruzamento e análise de novos dados, referentes a um período de duas semanas (8 a 21 de maio de 2017), espaço temporal em estudo neste relatório, relativamente à atividade noticiosa no *site* oficial do Porto Canal.

Numa fase inicial de pesquisa e aprofundamento das temáticas a trabalhar, através de autores, tivemos algumas dificuldades na recolha de perspetivas acerca da especificidade das migrações entre o sistema televisivo e online. Outra das grandes dificuldades por nós encontradas, muito provavelmente por ser uma das mais demoradas também, foi a análise “uma a uma” das 1308 notícias, as quais tinham de ser identificadas online pelo número para que, depois de abertas, pudessem ser identificadas as variáveis em estudo: a presença ou não de vídeo, posterior ou anterior ao texto, a editoria e a respetiva fonte.

Apesar de termos chegado a conclusões desafiantes face às inicialmente apontadas, numa fase final deparamo-nos com diferentes caminhos possíveis de seguimento da investigação desta temática.

Posto isto, consideramos deveras importante e de grande interesse a utilização de novas técnicas e recursos de auxílio a este género de investigação. Contrariamente ao efetuado por nós, o uso do programa SPSS – Statistical Package for the Social Sciences – para uma mais eficiente análise e cruzamento das variáveis em estudo, bem como, a abertura a um novo capítulo investigativo, onde se considerasse apenas o conteúdo noticioso produzido pela patente do Porto Canal, anulando assim a excessiva quantidade de notícias cedidas pela Agência de Comunicação LUSA ao mesmo.

Bibliografia

BARBEIRO, Hérodoto e LIMA, Paulo Rodolfo de (2005). Manual de Telejornalismo – Os segredos da notícia na TV. Elsevier Editora Ltda. 2ª Edição (Rio de Janeiro).

ISBN: 85-352-1565-4

BASTOS, Hélder (2000). Jornalismo Eletrónico, internet e reconfiguração de práticas nas redações. Coimbra.

BASTOS, Hélder (2010). Ciberjornalismo e Narrativa Hipermédia. Disponível em: [https://repositorio-](https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/25255/2/Ciberjornalismo%20e%20Narrativa%20Hipermedia000099406.pdf)

[aberto.up.pt/bitstream/10216/25255/2/Ciberjornalismo%20e%20Narrativa%20Hipermedia000099406.pdf](https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/25255/2/Ciberjornalismo%20e%20Narrativa%20Hipermedia000099406.pdf)

Consultado em: 20 de setembro de 2018

BELTRAO, Luiz (1992). Iniciação a filosofia do jornalismo. São Paulo.

BRANDÃO, Nuno Goulart (2010). As notícias nos telejornais – Que serviço público para o século XXI?. Guerra e Paz, Editores, S.A. 1ª Edição.

ISBN: 978-989-8174-59-8

BOURDIEU, P. (1997). Sobre a Televisão. Oeiras: Celta Editora

CÁDIMA, Rui Francisco (2011). A televisão, o digital e a cultura participativa. Média XXI/Formalpress. 1ª Edição

ISBN: 978-989-8143-56-3

CANCIO, Marcelo (2005). Telejornalismo descoberto. Campo Grande.

CRATO, Nuno (1982). Comunicação Social: a imprensa. Editorial Presença: Lisboa. 2ª Edição

LEITÃO, Carolina Ribeiro (2013). *Do online para a televisão e da televisão para o online – O caso da TVI*. Relatório de Mestrado em Comunicação e Jornalismo.

LOPES, Felisbela (2008). *A TV do real: A televisão e o espaço público*. Edições Minerva. Coimbra

OLIVEIRA, Dennis. *Fronteiras do jornalismo no espaço midiático: a real dimensão da função ideológica da informação jornalística*. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/GT1013.pdf>

Consultado em 25 de setembro de 2018

PADILHA, Sônia. *A contribuição do Webjornalismo na Construção da Sociedade do Conhecimento*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-padilha-webjornalismo.pdf>

Consultado em 18 de setembro de 2018

PALACIOS, Marcos (2003). *Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: olugar da memória*. In MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), *Modelos do Jornalismo Digital*, Editora Calandra, Salvador

POPPER, Karl (1995). *A televisão: um perigo para a democracia?*. Gradiva.

RAMONET, Ignácio (1999). *A tirania da comunicação*. Petrópolis.

SALAVERRÍA, Ramon e NEGREDO, Samuel (2008). *Periodismo integrado convergencia de medios y reorganizacion de redacciones*. Barcelona.

SERRA, Heloisa (1993). *Os fatos e os telejornais*. Dissertação de mestrado da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

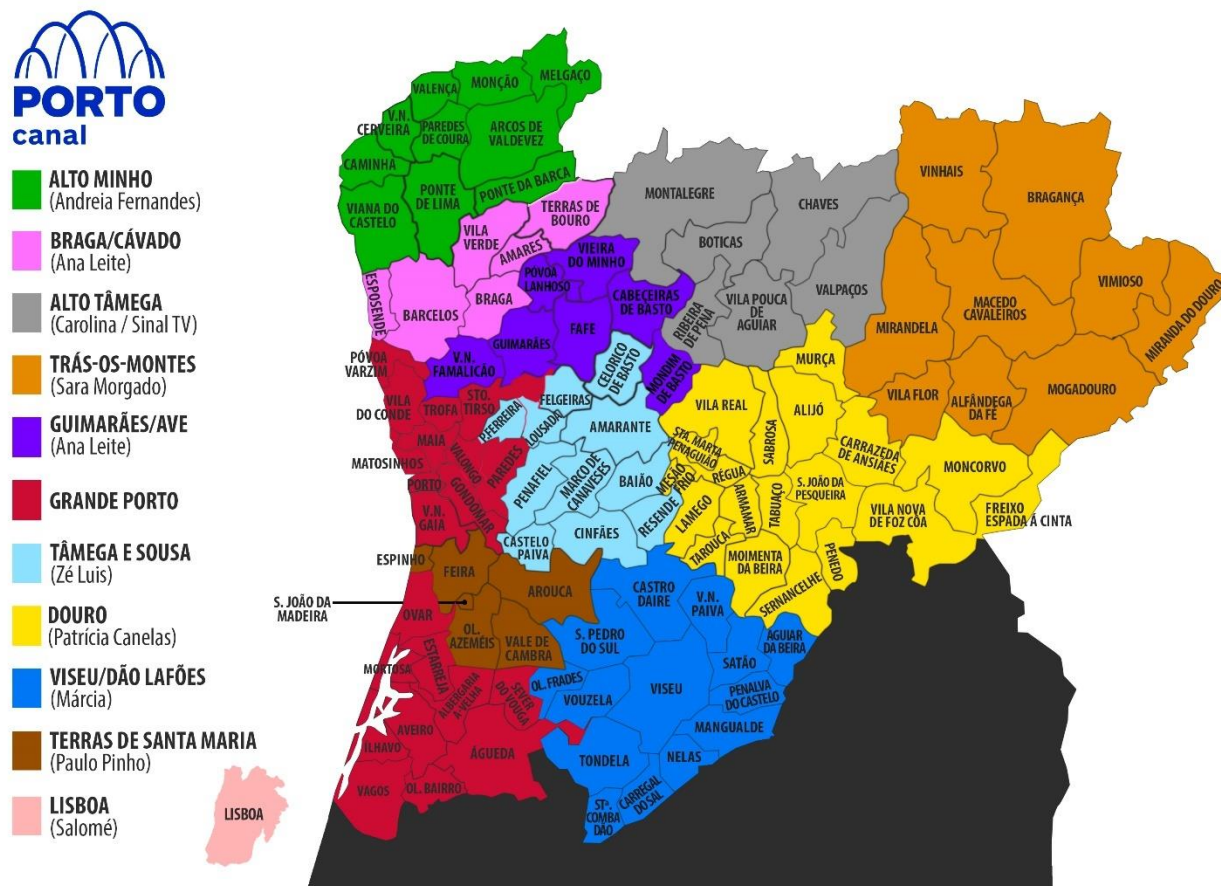
SOUSA, J. Pedro (2008) *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>

Consultado em 25 de agosto de 2018

VIZEU, Alfredo (2002). Telejornalismo, audiência e ética. Disponível em:
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.html>
Consultado em 26 de setembro de 2018

ZAMITH, Fernando (2008). *Ciberjornalismo: As potencialidades da Internet nos sites noticiários portugueses*. Edições Afrontamento. 1ª Edição. Porto

Anexo 1 – Mapa do território abrangido pelo Porto Canal – dividido por delegações



Anexo 2 – Dois exemplos de Rondas Diárias com casos reatados, um pertencente à delegação do Tâmega e Sousa e outro na delegação de Guimarães

Caixa de entrada - RONDA DIÁRIA - 23 SETEMBRO - Serviço Nacional - Notícias ao Minuto - Notícias ao Minuto - Nacional - JN - PortoCana

https://docs.google.com/spreadsheets/d/1nbN2ar0uXICrNVSL7ZeNEvgUvoptv_EBi-lc0rzyOHI/edit#gid=248250997

Ficheiro Editar Ver Inserir Formatar Dados Ferramentas Suplementos Ajuda A última edição foi efetuada há 2 horas

€ % 0,00 123 Arial 12 B I A

TÂMEGA & SOUSA											
		PRODUTOR	08H00	OBS.	12H00	OBS.	16H00	OBS.	20H00	OBS.	22H00
			Sara A.		Sara A.						
	Voluntários de Amarante	255 422 718	x		x						
	Voluntários de Baião Cmtd Jose Costa - 918468612	255 541 231	x		x						
	Voluntários de Castelo de Paiva	255 690 551	x		x	Incêndio florestal afastado de casas e indústrias. Saliram 4 viaturas e 22 homens.					
	Voluntários de Celorico de Basto	255 321 223	x		x						
	Voluntários de Felgueiras	255 926 666	x		x						
	Voluntários de Paços de Ferreira	255 963 520	x		x						
	Voluntários de Paredes	255 788 780	x		x						
	Voluntários de Lousada	255 912 019	x		x						
	Voluntários do Marco de Canaveses	255 534 115	x		x						
	Voluntários de Penafiel	255 212 122	x		x						
	Voluntários de Resende Comandante Sérgio Monteiro (Resende)- 916491117	254 877 122	x		x						

ALTO MINHO

+ BASE GRANDE BASE PEQUENA 23 SETEMBRO PEQUENA 22 SETEMBRO PEQUENA 21 SETEMBRO GRANDE 21 S

14:47 23/09/2016

Caixa de entrada - RONDA DIÁRIA - PUSH UPS - 20 SETEMBRO - Notícias ao Minuto - Notícias ao Minuto - Notícias ao Minuto - santa casa d - PortoCana

https://docs.google.com/spreadsheets/d/1nbN2ar0uXICrNVSL7ZeNEvgUvoptv_EBi-lc0rzyOHI/edit#gid=298983442

Ficheiro Editar Ver Inserir Formatar Dados Ferramentas Suplementos Ajuda Todas as alterações foram guardadas no Drive

€ % 0,00 123 Arial 8 B I A

GUIMARÃES											
		PRODUTOR	08H00	OBS.	12H00	OBS.	16H00	OBS.	20H00	OBS.	22H00
					Sara Almeida		Sara Almeida				
	Voluntários de Guimarães	253 515 444	x		x		x				
	Voluntários de Fafe	253 598 111 253 598 112	x		x		x				
	Voluntários de Póvoa de Lanhoso	253 639 242	x		x		x	Colisão entre moto e carrinha. Víctima mortal de 35 anos do sexo masculino já transportado para a morgue de Braga. Povoação de Gerais do Minho. Presente a GMR Povoas de Lanhoso.			
	Voluntários de Vieira do Minho	253 649 500	x		x		x				
	Voluntários de Vila Nova de Famalicão	252 301 112	x		x		x				
	Voluntários Mondim de Basto	255 381 251	x		x		x				
	Voluntários de Vizela	253 489 100	x		x		x				

TÂMEGA & SOUSA

+ BASE GRANDE BASE PEQUENA 20 SETEMBRO PEQUENA 19 SETEMBRO PEQUENA 16 SETEMBRO PEQUENA 15 S

18:56 20/09/2016

Anexo 3 – Exemplo de dois agendamentos

BRAGANÇA - IPB	<p>IPB tem duas investigadoras entre as melhores do mundo</p> <p>O Instituto Politécnico de Bragança vai batendo recordes a cada ano que passa. Depois de ser considerado, por três anos consecutivos, o melhor Politécnico do país e de ver outro ranking internacional destacar a qualidade na investigação, agora foi o ranking da Thomson a aferir a qualidade individual dos investigadores desta instituição de ensino superior do Nordeste Transmontano.</p> <p>No ano passado, cinco investigadores portugueses estavam entre os mais citados em todo o mundo. Este ano, Portugal colocou seis investigadores neste ranking, e dois deles são do IPB. Aliás, duas, pois a Isabel Ferreira juntou-se, este ano, Lilian Barros, também investigadora da área alimentar. “É um orgulho muito grande para mim pois faz parte da minha equipa, é o meu braço direito”, disse Isabel Ferreira ao Mensageiro.</p>	<p>LIGAR COM O INSTITUTO POLITECNICO E PEDIR CONTACTOS</p> <p>http://www.mdb.pt/noticia/ipb-tem-duas-investigadoras-entre-melhores-do-mundo-5746</p> <p>Proposta: entrevista com as duas investigadoras. Que trabalho desenvolvem? Em que área?</p> <p>Nota: atenção à designação “melhor Politécnico do país”. Há rankings para todos os gostos, como todos sabemos...</p>	MUNDO LOCAL	AGENDAR
BRAGANÇA	<p>Rionor é um grito contra a apatia e pelo direito de viver no interior</p> <p>Portugueses e espanhóis da zona fronteira de Bragança e Castela e Leão juntaram-se e constituíram a Plataforma RIONOR-Rede Ibérica para uma nova ordenação raiana, uma associação que quer lutar pelo direito de viver no interior com dignidade e as mesmas condições que os habitantes do litoral, com acesso à saúde, à educação, ao emprego e ao desenvolvimento.</p> <p>A escritura pública da associação foi firmada no passado sábado, na aldeia de Rio de Onor, em Bragança, como forma de retomar o mito de Rio de Onor, uma localidade onde as pessoas “partilham” os bens entre um lado e o outro da fronteira, num cabanal instalado para o efeito. Os subscritores da associação consideram que a fronteira é uma linha imaginária que une mais do que separa. “A RIONOR é um grito contra a apatia. Vamos ser cidadãos e encontrar soluções para os problemas”, explicou João Ortega, um dos fundadores da associação.</p>	<p>http://www.mdb.pt/noticia/rionor-e-um-grito-contra-apatia-e-pelo-direito-de-viver-no-interior-5747</p> <p>Proposta: entrevistar João Ortega. Perceber os objetivos da associação, quantos espanhóis e portugueses tem.</p> <p>Nota: este tema cruza bem com o ponto 1, desde logo porque Rio D’Onor está perto de Montesinho. Ou seja: podemos fazer um trabalho sobre as dificuldades de se viver em parques naturais e juntar, com uma entrevista em estúdio a este senhor, as dificuldades de viver no interior mais interior.</p> <p>CONTACTOS DA ASSOCIAÇÃO - 273919003/969004143</p>	MUNDO LOCAL	AGENDAR

Agendado
Dia 14, às 14 H
no Centro de Investigações
de Transmontano
Campos do IPB

Agendado
Dia 19, às 17 H no
Gabinete de Arquitetura
c/ João Ortega - 939076082
+ Francisco Alves - *

Notada: Lu
do

Mundo Local 10Out	Página 1 de 2
 Mundo Local 10Out	
Start: 2016-10-10 at 01:30 pm	End: 2016-10-10 at 01:55 pm
Printed: 2016-10-10 at 12:59 pm	
SLUG	
GENÉRICO - MUNDO LOCAL	
No content	
SLUG	
PIVOT DE ABERTURA	
Mundo Local. Boa Tarde	
SLUG	
SEPARADOR	
No content	
SLUG	
PRODUÇÃO MACA CAI PARA METADE 07-10-16	
Já arrancou a campanha da apanha da maçã no Douro.	
As condições climáticas adversas do último inverno afetaram a produção do fruto... numa quebra que só em Armamar pode chegar aos 30%	
SLUG	
NOVA PARCOMETROS ZONA ASPRELA 27-09-16	
Os estudantes do pólo universitário da Asprela, no Porto, reclamam estacionamento gratuito. A Câmara decidiu colocar parcometros na zona como forma de regular o trânsito, e com o arranque do ano letivo a contestação está a aumentar.	
SLUG	
OFF2 INVESTIMENTOS VIANA ISENTOS 10-10-16	
Os novos investimentos a instalar ou a realocar em Viana do Castelo vão beneficiar, em 2017, de isenção total de taxas municipais.	
A medida consta do regime de incentivos publicado hoje em Diário da República e prevê reduções e isenções de taxas para investidores de empreendimentos turísticos e acolh, atividades económicas relacionadas com as fileiras da agricultura e floresta de base regional, regeneração urbana e ainda a modernização de espaços comerciais e espaços de restauração e bebidas.	
A medida da maioria socialista da autarquia vianense... visa assegurar aos investidores mecanismos e políticas impulsionadoras de desenvolvimento em atividades relacionadas com produtos endógenos, reabilitação e imobiliário,	
SLUG	
SEPARADOR	
No content	
SLUG	
Entrevista Feira Turismo	
IA 10 OUTUBRO Hilário Afonso - Vereador Câmara Municipal de Melgaço	
SLUG	
SEPARADOR	
No content	

SLUG
Entrevista Porto 2001
Manuela de Melo - Comissária do Ciclo
TEMA: Portugal no Palácio do

SLUG
7EDICAO CONCERTO ANUAL QUINTA LAVANDEIRA 09-10-16
Pelo setimo ano consecutivo a opera foi ao Douro
Este ano a orquestra do Norte atuou num palco diferente... numa adega em plena época de vindimas

SLUG
CONCERTO HOMENAGEM AOS BOMBEIROS 10-10-16
O município de Marco de Canaveses dedicou um concerto aos bombeiros voluntários do concelho.
Um gesto simbólico de agradecimento aos soldados da paz após o período crítico de incêndios.

SLUG
SEPARADOR
No content

SLUG
GRANDE PREMIO MOTONAUTICA 07-10-16
Pierre Lundin, o piloto sueco que partiu do primeiro lugar e já com o título de campeão, ganhou a última etapa da prova que decorreu este fim de semana em Baião.
A albufeira da Pala, em Baião já nao recebia provas internacionais há 14 anos, milhares de pessoas assistiram a este regresso

SLUG
APRESENTACAO CAMPEONATO MUNDIAL DE TRAIL 04-10-16
A cidade de Braga será a anfitriã do VI Campeonato do Mundo de Trail Running, que acontece a 29 de outubro.
A prova, que se realiza pela primeira vez em solo nacional... no parque natural peneda gerês...conta com mais

SLUG
CARTÕES MUNDO LOCAL
No content

Homem morre soterrado em pedreira de Caminha, Viana no Castelo

04-11-2016 17:07 | Norte
Porto Canal (SYA)

Um homem de 60 anos morreu, esta sexta-feira, soterrado por areias numa pedreira de Vila Praia de Âncora, em Caminha, Viana do Castelo.

O alerta foi dado por volta as 14h20 da tarde desta sexta-feira.

Segundo o Comando Territorial da GNR de Viana do Castelo, o corpo do homem de 60 anos terá ficado soterrado na areia depois de um desabamento das mesmas numa pedreira em Vila Praia de Âncora, Caminha em Viana do Castelo.

Portugal continua a descer no ranking da FIFA

tpf

20-10-2016 18:59 | Desporto
Porto Canal (SYA)

A seleção nacional desceu para o 8º lugar, um lugar abaixo do que apresentava no último ranking apresentado pela FIFA, sendo ultrapassada pela França, equipa à qual venceu no europeu 2016.

Segundo a classificação da FIFA divulgada esta quinta-feira, Portugal caiu do sétimo para o oitavo lugar, tendo sido ultrapassado pela França, equipa à qual ganhou no europeu 2016 conquistando assim o primeiro grande título internacional.

A Argentina continua a liderar o ranking.

Face ao último ranking apresentado a 15 de setembro, a Alemanha subiu para 2º lugar e o Brasil, também subiu, para o lugar de bronze do ranking (3º). Bélgica passou a 4º classificado e a Colômbia desceu para 5º. Importa ainda salientar que Espanha subiu do 11º lugar, entrando assim nos dez melhores com o honroso 10º lugar, empurrando o País de Gales para 11º, logo, foram deste top 10.

Relativamente aos atuais adversários de Portugal no grupo B, a Suíça encontra-se no 14º lugar, a Hungria em 22º e a Letónia em 116º lugar.

No que diz respeito aos países lusófonos, a Guiné-Bissau subiu para o 69º e Cabo Verde para o 71º. Já Moçambique desceu para o 95º e Angola manteve o 134º lugar. Desceu ligeiramente São Tomé e Príncipe para o 153º e Timor-Leste para o 186º lugar.

Alegado assassino de Aguiar da Beira visto em Assento, Vila Real

18-10-2016 16:59 | Norte
Porto Canal (SYA)

Pedro Dias, o alegado assassino de Aguiar da Beira, foi avistado duas vezes na manhã desta terça-feira na localidade de Assento, em Vila Real, e testemunhas afirmam ter ouvido um tiro.

O alegado assassino de Aguiar da Beira, então identificado como Pedro Dias, terá sido avistado esta manhã na localidade de Assento, em Vila Real. Pessoas da localidade, em declarações à Lusa, afirmam ter visto o homem junto a um casebre, uma casa de apoio à atividade agrícola e dizem que o fugitivo estava vestido de vermelho. As testemunhas admitem ainda que ouviram um estouro que se assemelhou ao barulho de um tiro.

As declarações dão conta de duas aparições de Pedro Dias, no mesmo local, mas em horários diferentes, avistado pela primeira vez cerca das 8h30 e novamente perto das 11h30.

A GNR e a PJ estiveram no local, no entanto, acabaram por desmobilizar. Foi dada conta de quatro valências da GNR na região de Vila Real.

Marco Cruz, relações públicas da GNR no local, diz que estão presentes elementos da componente territorial e de trânsito, bem como, a unidade de intervenção e investigação criminal.

Importa lembrar que Pedro Dias se encontra a monte à oito dias. Além dos dois assassinios pelos quais é perseguido, já protagonizou outros incidentes como o do passado domingo, quando foi surpreendido pela filha da proprietária da casa onde se encontrava escondido que acabou amarrada, tal como o vizinho que ouviu os seus gritos de socorro e partiu em seu auxílio. O alegado assassino de Aguiar da Beira terá pedido dinheiro e acabou por fugir na carrinha do senhor, carrinha essa já encontrada entretanto abandonada na localidade de Carro Queimado.

Porto, Lisboa e Açores entre os melhores destinos para se viajar em 2017

25-10-2016 16:50 | Economia

Porto Canal (SYA)

A Editora Lonely Planet escolheu três destinos de Portugal para os seus tops de dez melhores destinos para se viajar em 2017, sendo eles Porto, Lisboa e Açores.

As opções portuguesas são salientadas pela sua combinação de natureza com cultura ibérica “super-cool”. Entenda-se ainda que as escolhas da Lonely Planet são influenciadoras das tendências mundiais de viagens.

O Porto encontra-se em terceiro lugar na categoria “Best Value”, ou seja, é o terceiro melhor destino na relação qualidade/preço, logo a seguir ao Nepal e a Namíbia. A Invicta é salientada pelos seus museus, viagens de elétricos vintage, praias, percursos à margem do rio, caves de Vinho do Porto e as próprias vinhas. Também a gastronomia é assinalada, com atenção especial dedicada à francesinha. Tudo isto aliado ao baixo preço!

Os Açores também está em terceiro no top dez das melhores regiões para visitar em 2017. Este top é liderado por Choquequirão, no Peru e Taranaki, na Nova Zelândia. Este destino é comparado a outros pelos seus vulcões, penhascos, aldeias e fontes termais. Também é salientado pela acessibilidade tanto da América do Norte como da Europa. Apresentou nos últimos 12 meses um crescimento de 31% no turismo, e tudo leva a crer que esse valor continuará a aumentar.

Já Lisboa, a capital portuguesa, encontra-se em oitavo lugar no top dez das melhores cidades do mundo para visitar em 2017. É salientada pelas suas atrações turísticas, gastronomia, cultura e museus. No entanto, o ponto principal desta cidade está no facto de ainda ser considerada uma “pechincha”.

Anexo 6 – Tabela de apoio ao gráfico 1

Tem vídeo?	
Sim	180
Não	1126
Nulo	2

Anexo 7 – Tabela de apoio ao gráfico 2 e ao gráfico 3

Vídeo Antes ou Depois do Texto	
Antes	152
Depois	29
Não se aplica	1125
Nulo	2

Anexo 8 – Tabela de apoio ao gráfico 4

Editorias	
Norte	132
Política	133
Economia	209
Mundo	298
País	429
Desporto	96
Nulo	2

Anexo 9 – Tabela de apoio ao gráfico 5

Fonte	
Lusa	1113
Porto Canal	175
FC Porto	17
Nulo	2

Anexo 10 – Tabela base dos 29 casos em que o vídeo é posterior ao texto noticioso

Nr da Notícia	Editoria	Fonte
121798	PAÍS	PC
121812	NORTE	LUSA
121832	PAÍS	LUSA
121886	PAÍS	LUSA
122049	PAÍS	LUSA
122065	DESPORTO	LUSA
122186	NORTE	LUSA
122203	PAÍS	LUSA
122287	PAÍS	LUSA
122305	PAÍS	LUSA
122365	NORTE	PC
122382	DESPORTO	LUSA
122383	NORTE	PC
122419	PAÍS	PC
122421	PAÍS	LUSA
122428	PAÍS	LUSA
122480	ECONOMIA	LUSA
122498	NORTE	PC
122520	POLÍTICA	LUSA
122532	NORTE	PC
122580	NORTE	PC
122716	PAÍS	LUSA
122865	POLÍTICA	LUSA
122884	NORTE	PC
122888	NORTE	LUSA
122944	NORTE	LUSA
122947	PAÍS	LUSA
122949	NORTE	PC
122950	NORTE	PC

Anexo 11 – Tabela de apoio ao gráfico 6

Editorias – 29 casos	
Norte	12
País	12
Política	2
Economia	1
Desporto	2
Mundo	0

Anexo 12 – Tabela de apoio ao gráfico 7

Fontes – 29 casos	
PORTO CANAL	10
LUSA	19